



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

MEIRE PACHECO SOARES

ENTRE SOMBRAS E TREVAS, MORROS E VENTOS: A PRESENÇA DO
GÓTICO EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*, DE EMILY BRONTË.

JARDIM - MS

2017



MEIRE PACHECO SOARES

ENTRE SOMBRAS E TREVAS, MORROS E VENTOS: A PRESENÇA DO GÓTICO EM
O MORRO DOS VENTOS UIVANTES DE EMILY BRONTË.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Letras habilitação
Português/Inglês da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos
Pedroso Junior.

JARDIM - MS

2017



MEIRE PACHECO SOARES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ENTRE SOMBRAS E TREVAS, MORROS E VENTOS: A PRESENÇA DO GÓTICO EM
O MORRO DOS VENTOS UIVANTES, DE EMILY BRONTË.

APROVADO EM: _____ / _____ / _____

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior- UEMS

Orientador

Profª. Me. Roseli Peixoto Grubert – UEMS

Prof. Évelyn Coelho Paini Webber – UEMS

SOARES, Meire Pacheco.

Entre sombras e trevas, morros e ventos: A presença do gótico em O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë/Meire Pacheco Soares. Jardim: UEMS, 2017.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Emily Bronte 2. O Morro dos ventos uivantes 3. Gótico

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Meire Pacheco Soares

Jardim, 13 de novembro de 2017.



Dedico esse trabalho de conclusão de curso a toda minha família, ao meu orientador, aos meus amigos e todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto.



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus que esteve sempre presente em minha vida, ajudando-me e fortalecendo-me todos os dias, pois sem Ele não teria chegado até aqui.

A toda minha família pelo apoio e carinho incondicional.

Aos meus filhos em especial, Caroliny e Pedro Henrique pelo amor, carinho e compreensão.

Ao meu esposo Junior que não mediu esforços para que eu viesse a concluir meu curso, apoiando-me e incentivando-me.

Ao meu orientador Neurivaldo Campos Pedroso Junior, pelo carinho, dedicação, confiança e pelas incríveis aulas de Literatura Inglesa que tive o prazer de conhecer e assistir.

Às minhas amigas pela amizade e companheirismo acadêmico, Jardeane, Eliane e Nelise, que tive o prazer de conhecer e conviver, compartilhando momentos de alegrias, tristezas e sufocos durante esses quatro longos anos, nossos sonhos foram sonhados e realizados juntos.

À minha querida amiga Bete, pelo incentivo aos meus estudos e me ajudar sempre que precisei.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a presença do Gótico no romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, que narra a história de um amor proibido entre dois irmãos de criação, Catherine Earnshaw e Heathcliff e as consequências da não realização desse amor. A literatura gótica se inicia na Inglaterra no século XVIII, e as principais características desse tipo de literatura são os cenários medievais, os personagens melancólicos, nos romances são encontrados o uso da psicologia do terror, do imaginário sobrenatural, das reflexões sobre o poder, entre outras. Assim, um dos objetivos ao desenvolver esta pesquisa, é verificar a presença de uma estética gótica em *O Morro dos Ventos Uivantes*, tal verificação dar-se-á por meio da análise da narrativa e das personagens, pois entendemos que Brontë, nesse romance explorou uma gama de temas afins ao gótico, como o conflito entre o bárbaro e o civilizado, a dissolução das fronteiras entre o eu e o outro, a interpenetração entre o natural e o sobrenatural e motivos como o duplo, fantasmas, criaturas sobrenaturais. Cumpre destacar que nossa análise do romance de Brontë estabeleceram pontos de intersecção com outros textos que remontam ao início do século XVIII, onde se inicia a tradição gótico-literária, e com obras que evocam elementos góticos, como por exemplo, *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole. Para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizada metodologia compatível com o objeto de análise, por isso esse trabalho será desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chaves: 1 Emily Brontë. 2 *O Morro dos Ventos Uivantes*. 3 Gótico.



ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the presence of the Gothic in the novel *Wuthering Heights*, by Emily Brontë, that tells the forbidden love story between the two adoptive Brothers, Catherine Earnshaw and Heathcliff and the consequences of the non-realization of this love. The gothic literature begins in England in the 18th. Century and main characteristics of this kind of literature are the medieval scenarios, the melancholic characters, in the novels are also found the use of the horror psychology, the supernatural imaginary, the reflections of power, among others. In this sense, one of the objectives of this researche is to verify the presence of the gothic aesthetics in the novel *Wuthering Heights*, this verification will be made by the analises of the narrative and the main characters, because we understand that Brontë in this novel explored the many themes related to the gothic, such as the confltts between the barbarian and the civilized, the dissolution of the borders among the self and the other, the interpretation between the natural and the supernatural. It is importante to emphasize that our analise of Brontë's novel will establish points of interseccion with other texts that remount to the beginning of the 18th. Century, when the gothic tradition starts and with works that evoque gothic elements, such *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole. To the development of this work it will be used appropriate methodology, and this work will be developed by the bibliographical research.

Keywords: Emily Brontë; Wuthering Heights; Gothic.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - A LITERATURA GÓTICA.....	12
1 Freud.....	17
2 Ferdinand de Saussure.....	18
3 Claude Lévi-Strauss.....	18
CAPÍTULO II - A ERA VITORIANA E AS BRONTË.....	21
CAPÍTULO III - <i>O MORRO DOS VENTOS UIVANTES</i> DE EMILY BRONTË: UMA ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS GÓTICAS.....	29
1 Narrativa gótica.....	29
2 Heathcliff e o gótico.....	37
3 Catherine e o gótico.....	41
4 A maldade em <i>O Morro dos Ventos Uivantes</i>	46
5 Heathcliff e Hindley.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	52



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1 Figura Catedral de Saint Dennis.....12

FIGURA 1.2 Figura Catedral de Notre Dame.....12

INTRODUÇÃO

Na época que Emily Brontë escreveu seu único romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, era permitido que mulheres escrevessem apenas questões relacionadas a seu cotidiano, mas ela foi além do que era permitido e usando de um pseudônimo criou sua obra que foi consagrada mundialmente, com seus personagens marcantes e de personalidades fortes, assim como Heathcliff, dono de um temperamento agressivo.

No primeiro capítulo será abordado o surgimento da literatura gótica no século XVIII e XIX e suas principais características, visto que o termo gótico é amplo e ao longo do tempo foi se modificando. No início remetia aos povos godos, logo em seguida às pinturas e artes arquitetônicas, no romance as narrativas foram se modificando, até chegar ao ponto do romance em questão que virá a ser trabalhado, *O morro dos ventos uivantes* de Emily Brontë, em que elementos mágicos e realistas passam a conviver de forma harmoniosa. Abordaremos sucintamente o primeiro caso que se dá na obra *O Castelo de Otranto* do escritor Horace Walpole, cujo aspecto é marcado por um grande número de elementos que remetem ao gótico. Para a psicologia, o ambiente em que o sujeito está inserido diz muito do seu comportamento humano, para isso utilizaremos alguma consideração de Freud em relação da natureza humana, Ferdinand Saussure e o uso da linguagem e o antropólogo Lévi-Strauss com o estudo do ser humano e a humanidade.

Já no segundo capítulo trataremos da Era Vitoriana e as Brontë, especificamente de Emily Brontë, sua vida e obra, de como era a vida na Inglaterra na época vitoriana, onde era quase impossível para uma mulher se tornar escritora, e utilizaremos como aporte teórico principalmente o autor Oscar Mendes com a obra *Estética Literária Inglesa* (1983).

No capítulo três faremos a análise da obra *O Morro dos Ventos Uivantes*, apresentando e comprovando com trechos do romance os aspectos góticos presentes nas casas onde a trama acontece, Thushcross Grange e O Morro dos Ventos Uivantes, assim como nos personagens que compoem o enredo, como os protagonistas (Catherine e Heathcliff) que pelo olhar dos narradores, relatam ocorrências estranhas e assustadoras, com proporções sobrenaturais, do qual o mistério em momento nenhum é dissipado.

CAPÍTULO I - A LITERATURA GÓTICA

A literatura gótica inicia-se na Inglaterra, no século XVIII, e as principais características desse tipo de literatura são os cenários medievais, os personagens melancólicos, nos romances são encontrados o uso da psicologia do terror, do imaginário sobrenatural, das reflexões sobre o poder, entre outras.

O termo gótico tem suas raízes fincadas na época medieval através dos bárbaros, tribo germânica denominada godos (goths). Eram considerados um povo muito violento, habitaram às margens do mar Báltico e foram de grande importância para a queda do império romano nos séculos III a V. A partir do declínio da civilização romana, e advento da idade média, Alegrette (2016) em sua tese de doutorado descreve:

(...) a denominação “gótico” passou a ser usada para se referir a qualquer manifestação artística que não se enquadrasse dentro dos padrões estéticos da cultura clássica, ou seja, pós-romana. Dentre elas, destaca-se a arquitetura gótica que tem seu surgimento na França, durante o século XII. Como exemplos de edificações góticas formadas por torres lanceoladas, gárgulas, cúpulas e arcos em ogivas, podemos encontrar as catedrais de Saint Dennis e de Notre Dame. (ALEGRETTE, 2016, p.28)

Podemos visualizar as características das catedrais na figura abaixo:



Figura 1 Catedral de Saint Dennis
Fonte: <https://www.google.com.br>



Figura 2 Catedral de Notre Dame
Fonte: <https://www.google.com.br>

As principais características góticas de acordo com Alegrette (2016) são o exagero, com cenários imensos, castelo em ruínas, passagens secretas, cemitérios, superstição e medo; incertezas sobre a natureza do poder, lei, sociedade e família também apareceram nos enredos

dos romances góticos. As personagens femininas da ficção gótica quando expostas a uma situação de perigo, reagem de forma extremada, seja por meio do choro compulsivo, seja desfalecendo; em relação ao vilão ou vilã, seus atos terríveis atravessam os limites fixos que separam o Bem e o Mal, a luz e as trevas. .

O primeiro romance inglês no estilo gótico se dá na obra do escritor Horace Walpole, *O castelo de otranto* (1784), no qual nessa época os castelos eram de fundamental importância, pois passavam emoções como o medo e o terror com suas descrições aterrorizantes, conforme nos mostra Alegrette descrevendo o castelo de Otranto:

A parte subterrânea do castelo era escavada numa série de vários claustros interligados e não era fácil para alguém em tal estado de ansiedade encontrar a porta que abria para a caverna. Um silêncio assustador reinava nessas regiões subterrâneas, exceto quando, uma vez ou outra, algumas rajadas de vento sacudiam as portas pelas quais ela havia passado e os gongos de ferro ecoavam através daquele longo labirinto de trevas. Cada rumor deixava-a possuída por um novo terror; mas ainda assim temia, acima de tudo, a voz irada de Manfredo ordenando seus criados a perseguirem-na. (WALPOLE, *Apud* ALEGRETTE 2016, p.27)

Nesse trecho verifica-se a importância do cenário para a literatura gótica, visto que, o espaço na narrativa gótica necessita criar esse ambiente soturno, assombroso para passar uma atmosfera de terror, ou seja, o modo com que o ambiente se apresenta na narrativa é que vai passar todo esse mistério para se configurar o estilo gótico na literatura.

Em se tratando de *Otranto*, a obra gira em torno de Manfred, morador da propriedade, cujo desejo é que a qualquer custo sua propriedade continue a pertencer a sua linhagem, pois devido às normas inglesa de sucessão, o filho mais velho deveria se tornar herdeiro. Manfred tinha dois filhos, Matilda e Conrad. Tal insistência seria devido a uma profecia que afirmava que o castelo e o senhorio de Otranto passariam da presente família para seu verdadeiro dono, quando esse tivesse idade suficiente para habitá-lo. A profecia então se realiza devido a alguns acontecimentos que alteram a casa de Otranto. No dia do casamento de seu filho Conrad, que após um desastre morre de maneira misteriosa, Manfred fez de tudo para conseguir que o castelo ficasse na sua família, porém descobre-se que o verdadeiro dono do castelo era um camponês que vivia nas redondezas do castelo chamado de Theodore, muitas lutas e ocorrências sobrenaturais aconteceram ali, à tudo isso reforçando as características góticas do texto literário.

Ao longo do tempo o termo gótico foi se modificando. No início remetia aos povos godos, logo em seguida às pinturas e artes arquitetônicas, no romance as narrativas foram se modificando, até chegar ao ponto do romance em questão que virá a ser trabalhado, *O morro dos ventos uivantes* de Emily Brontë, em que elementos mágicos e realistas passam a conviver de forma harmoniosa.

Para Iwami (2016) uma explicação para a disseminação da literatura de estilo gótico é o fato de a humanidade ser, desde sempre, atraída por histórias cuja temática representa a tragédia, em que podemos observar a reação das pessoas diante, por exemplo, de um acidente com cenas fortes. Primeiro fazem o registro para depois prestar socorro às vítimas. Segundo a autora, que leu Aristóteles, “ele diz que diante de uma tragédia sentimos pena e temor e esses dois elementos nos prendem à trama acarretando, em nós, o patético que, ainda segundo Aristóteles (1997, p.31) “consiste numa ação que produz destruição e sofrimento, como mortes em cena, dores cruciantes, ferimentos e ocorrências desse gênero”. (IWAMI, 2016, p.33)

O gótico com o passar do tempo vem sofrendo várias modificações; desde o século XVIII até hoje, várias fases podem ser verificadas conforme descreve Moura:

O século XIX; por exemplo, já começa com *Frankenstein*, de Mary Shelley, assumindo tonalidades psicológicas mais profundas. Com Charlotte e Emily Brontë, em meados do século. O crítico Robert B. Heilman (2003) chama esse estágio de “*new gothic*”, pois representa o ponto exato em que o realismo e o mágico se fundem numa estética mais sofisticada. Na virada do século XIX para o século XX temos um momento com maiores escrúpulos, visto que, no final dos textos, costumavam haver uma explicação racional para os elementos góticos que apareciam em primeiro plano. Já no século XX passaremos a ter a noção do mal como interior do homem (em autores como Joseph Conrad, Henri James ou William Golding). A questão que se coloca, em todos esses momentos, parece ser sempre a mesma: “O que é verdade, e o que é ilusão?” Ou, colocando de outra forma, “Se o sentimento sentido é real, será que faz diferença se aquilo que o origina é verdade, ou é ilusão?” (MOURA, 2015, p.14-15)

Moura (2015) nos mostra ainda como o gótico estava presente na vida de Emily Bronte:

Juliet Barker, historiadora de (1983 A 1989) da Haworth Parsonage, museu dedicado a vida e obra dos escritores da família Brontë, na biografia *the Brontës*, apresenta uma série de fatores que revelam o quanto de gótico havia na vida de Emily

Brontë e no ambiente em que vivia. Era ela quem cozinhava para a família. No balcão em que preparava as refeições havia os apetrechos de culinária, um dicionário alemão e um diário no qual anotava tanto os acontecimentos da vida diária quanto dos mundos de Angria e de Gondals, que ela e o irmão haviam criado na infância e que mantiveram ao longo da idade adulta. Assim, em algumas entradas do diário, há anotações dizendo que tipo de comida iria fazer para o almoço, misturadas com notícias contando que Brenzaida havia assassinado o próprio irmão, o rei de Exina (personagem do mundo imaginário de Gondal). (BARKER, Apud MOURA 2015, P.16)

Ou seja, a influência que a literatura gótica tem diante do leitor, fazendo-o fugir da realidade, colocando-o como personagem presente na obra, fazendo-o questionar se aquilo é real ou imaginário, faz com que o elemento gótico possa se ajustar ao público leitor de qualquer época.

De acordo com Moura (2015), das irmãs Brontë, Emily era a mais contrária à vida social, não gostava de visitas; a casa paroquial e o cemitério eram os lugares que mais frequentava, gostava de divagar pelas charnecas, como Heathcliff e Cathy sempre faziam na obra *O Morro dos ventos uivantes*. Relação essa muito presente em sua obra, conforme descreve Moura (2015):

Apesar de ter se mostrado uma pessoa de poucas relações sociais – ou talvez até por isso mesmo – Emily Brontë foi capaz de retratar de forma tão intensa as relações entre as personagens de *O morro dos ventos uivantes*, em especial as que envolvem Catherine e Heathcliff. Essa intensidade primitiva afeta o leitor em um nível que é estritamente simbólico e emocional. Após a leitura da obra, e de algum distanciamento temporal, os fatos do enredo tendem a se desvanecer, porém a sensação intensa da união entre os dois permanece forte e inalterada. (MOURA 2015, p.16)

A obra recebeu muitas críticas logo após a sua publicação devido à linguagem forte e cenas violentas, onde até questionava sua autoria, pois como uma mulher nessa época conseguiria descrever com tamanha desenvoltura uma narrativa tão bárbara e uma paixão tão desenfreada.

Para compreendermos melhor o desenrolar do romance, passamos a ver a relação de como os fatos acontecem, visto que temos dois narradores, Nelly Dean que conviveu com os personagens por um bom tempo com sua convicção e compreensão acerca dos acontecimentos e o Sr. Lockwood, que resolve tratar de sua saúde e vai passar um tempo em

Thrushcross Grange, sendo a partir do ponto de vista de cada narrador é que analisaremos as tradições naquela época. Conforme Moura (2015) “o peso da tradição ganha relevo quando consideramos a questão de hereditariedade, a questão do casamento com tudo o que representa naquela determinada situação e o que acarreta no destino e no futuro das personagens principais e secundárias”.

Conforme apontado por Moura (2015), para compreendermos a leitura do romance de Brontë a partir da perspectiva daquela época, devemos partir de dois pontos de vista em relação aos narradores, pois sabemos que um o Sr. Lockwood tratava da saúde quando resolveu ir repousar naquele lugar, ao nosso entendimento ele sofria dos nervos e a outra a Sr. Nelly Dean era uma pessoa que tinha pouco conhecimento das visão de mundo, uma vez que sua vida estava limitada apenas aquele lugar isolado

O primeiro dificultador recai sobre a expressão “naquela época” porque estamos lidando com dois tempos (e duas tradições) diferentes. Por um lado, o romance foi publicado em 1847, quando toda a força do Vitorianismo já começava a se apresentar através de um senso de dever e de uma moralidade muito forte. Por outro lado, a ação do romance se passa mais de meio século antes disso, nas últimas décadas do século XVIII, num cenário desolado onde existem duas propriedades, o Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange. A arquitetura georgiana dessa última indica que se trata de uma casa nova, recém-construída no início do período Tudor, no ano de 1500. Temos assim duas famílias, uma com dinheiro, outra com tradição. A união desses dois substantivos através de um casamento entre Edgar e Catherine viria, assim, ao encontro do interesse das duas casas. (MOURA 2015, p.17)

Portanto de acordo com Moura (2015) podemos observar como a tradição é representada na formação da literatura da Inglaterra, pois está impregnado na narrativa que apresenta *O morro dos ventos uivantes*, fato esse representado pelos dois personagens que narram toda a história, cada um com sua versão, dois tempos de uma época, de um lado tem a versão de Nelly Dean, após dezessete anos da morte de Catherine e do Sr. Lockwood inquilino de uma das casas dois anos após a viagem que realizou, e em conta partida o passado com seus feitos antes de tudo que narraram. Contudo, podemos reconhecer vestígios da relevância da tradição literária inglesa e as convenções sociais da sociedade vitoriana da época em que se passa todo o desenrolar da trama e como esses elementos influenciam quanto à leitura e interpretação de uma obra.

Para a psicologia, o ambiente em que o sujeito está inserido diz muito do seu comportamento humano, porém leva em consideração que o sujeito já tenha nascido com

propensão a desenvolver um determinado comportamento. A influência dos acontecimentos da infância para a formação da personalidade também é de grande relevância, pois, é nesta fase que se inicia o comportamento, o juízo de moral etc. Outra questão é o julgamento de valores e moral, já que existe a visão por partes dos teóricos de que o sujeito seja bom ou mau, ou seja, seria a visão pessimista e otimista por parte deles. Alguns teóricos possuem visão positiva sobre a personalidade humana, enquanto outros já afirmam que o ser humano é mau, a humanidade é má.

1 - Freud

Diversas são as discussões sobre a natureza humana e Freud tenta compreender seu funcionamento através do estudo do comportamento humano. De acordo com Moura (2015), Freud considera “a utilidade desse conceito para o campo da estética, apontando uma técnica utilizada até hoje nas histórias góticas, quando o terror passa a surgir de onde menos se espera: um parque de diversão, uma criança, um brinquedo.”

Moura (2015) estudou essa questão baseado no texto de Freud “Das Unheimliche”, em português “o estranho”, no qual Freud analisa em várias línguas todas as implicações desse termo. É no dicionário alemão que ele se interessa, pois há duas possíveis ideias que são opostas, “a de aconchego que sentimos quando estamos à vontade em um ambiente que nos é familiar; e a do terror que sentimos quando somos atacados ou agredidos quando menos esperávamos por isso”.

Em *O morro dos ventos uivantes*, temos um movimento paralelo e oscilante, que vai do familiar para o terrível e do horrível para o familiar; quando o Sr Lockwood tem de dormir na casa de Heathcliff, não se sabe se ele tem um pesadelo ou é assombrado pelo fantasma de uma menina pedindo ajuda pra entrar, informando o que esta lá fora ha vinte anos, e se contarmos os anos que Catherine faleceu mais os três anos que viveu na casa dos Linton, somam se vinte anos. Quando Heathcliff é encontrado morto, está perto da mesma janela em que a assombração pedia para entrar, porém está de olhos abertos e com a expressão feliz. Ou seja, os fatos acontecem num mesmo ambiente, mas com situações diferentes.

Outra questão colocada por Moura (2015), seguindo os estudos de Freud, é a questão do duplo qual foi estudado por ele a partir da literatura, “que seria o reconhecimento de si próprio devido à necessidade de amadurecimento do ego para preservação, isto que vivemos em sociedade e convenções devem ser seguidas”. Em *O morro dos ventos uivantes* temos as duas personagens incompatíveis, Heathcliff e Edgar Linton, são duplos complementares, pois

Heathcliff tem o amor de Catherine que o atrai sexualmente, por outro lado Edgar Linton que pode lhe proporcionar uma instabilidade, segurança e aceitação social.

2 - Ferdinand de Saussure

Enquanto Freud estuda a questão da psique humana tratando da questão humana em relação do pensamento do consciente e inconsciente, Saussure vê a relação humana através dos mecanismos da linguagem. Freud interpreta a questão em termos de id, ego e superego, ao mesmo tempo em que Saussure fala de significado e significante, langue e parole.

Moura (2015 *apud* Sedgwick) refere-se à Catherine e Heathcliff e o uso que fazem das palavras, pois para ele Catherine acaba por confundir o significado e significante, quando diz algo e por dizê-lo ela acredita que aquilo é.

Ela gosta de Heathcliff, mas sabe que não pode ficar com ele. Por ser irmão de criação, há o interdito moral; por ser um empregado tratado quase que em condição de escravidão, não tem como sustentar a ambos, caso resolvam casar-se. Por outro lado há o vizinho Edgar Linton, que gosta de Catherine e que lhe propõe casamento. Numa conversa com Nelly Dean - a narradora dessa camada do romance-Catherine verbaliza as coisas da seguinte maneira: o melhor para ela e Heathcliff é que ela case com Linton. Assim os três passarão a viver juntos e ficarão todos bem. (MOURA *apud* SEDGWICK, 2015, p.22)

Enquanto Catherine com suas palavras e pensamentos tenta manipular as pessoas em sua volta, Heathcliff fala pouco no romance, porém podemos observar nele a força no seu olhar, seus modos de crueldade e violência nos tratos com as pessoas. Para Moura (2015) “isso contribui para que a intensidade do que ele sente seja ampliada e faz com que o leitor tenha a impressão de que talvez haja (pelo menos para alguém tão privado de estudo e cultura como ele é) palavras que deem conta de expressar a dor ou a ira que ele sente”. Ou seja, seu silêncio e sentimentos dizem o que as palavras não conseguem.

3 - Claude Lévi-Strauss

Considerado o pai da antropologia moderna, o antropólogo Claude Lévi-Strauss passou anos estudando o ser humano e a humanidade, considerando as diferentes culturas. Acabou chegando a seguinte conclusão, conforme descreve Moura (2015):

Os tabus se dividem em dois grupos, o social e o biológico. O único caso que ele encontrou de um tabu que é ao mesmo tempo social e biológico é o caso do tabu incesto (LEVI-STRAUSS, 1982). Isso se aplica também à nossa vida civilizada, onde ligações incestuosas comprometem tanto as regras morais quanto a ampliação do patrimônio familiar. Biologicamente, elas conduzem a deterioração progressiva do material genético envolvido. Assim ao longo do tempo, surgiu a noção arraigada em nossa cultura de que casamentos entre parentes próximos precisam ser evitados. (MOURA, 2015, p.26)

No caso do romance *O morro dos ventos uivantes*, após sua viagem de negócio, o Sr. Earnshaw traz para casa um menino que ele encontra nas ruas de Liverpool. Conforme relata Moura (2015), nos romances ingleses do século XVIII e XIX há sempre crianças adotadas pelos chefes de família, sendo às vezes filhos bastardos, um parente distante ou até mesmo por bondade, piedade. O Sr. Earnshaw então toma Heathcliff por seu filho, coloca-o para dormir no mesmo quarto que Catherine, os quais crescem junto. Porém quando o Sr. Earnshaw morre, o filho legítimo Hindley que não gostava de Heathcliff e agora é o novo chefe da família, começa a tratá-lo como um empregado, mas ele por gostar de Catherine acaba por aceitar os maus tratos, pois não tem coragem de abandonar a irmã.

Essa relação de sentimentos entre Catherine e Heathcliff é abordada da seguinte forma por Moura (2015):

Apesar de ficar claro o que Heathcliff e Catherine sentem um pelo outro, não há nenhuma cena no romance – pelo menos não enquanto a moça está solteira – em que eles aparentem reconhecer que estão apaixonados. A forma como reagem às próprias emoções se aproxima mais do mundo animal, ou do universo infantil, do que da realidade dos adultos. Aquilo que os impede de enxergar melhor o que está acontecendo pode estar ligado ao interdito do tabu do incesto. No lado social, se ambos se casarem serão provavelmente banidos da família e não terão com que se sustentar. Ao passo que, se Catherine casar com Edgar Linton, a união entre o dinheiro novo dos Linton e o prestígio de um nome antigo como os dos Earnshaw será muito bem recebida. Este primeiro caso é o do tabu social do incesto. Quanto ao tabu natural, caso Heathcliff seja filho bastardo do Sr. Earnshaw, o interdito é biológico. Caso não seja, é psicológico, pois os dois cresceram como irmãos. Faz parte do processo de amadurecimento, na espécie humana, deixar a família um, a família em que se nasceu, para fundar a família dois, gerando a próxima geração. (MOURA, 2015, p.27)

Portanto, de acordo com Moura (2015) possivelmente seja o movimento psicológico mais difícil de ser realizado, a escolha de Catherine em optar pelo casamento com Linton, e deixar a família Earnshaw, julgando ser a melhor escolha, acaba por desencadear toda a tragédia da trama.

CAPÍTULO II - ERA VITORIANA E AS BRONTË

A Era Vitoriana, notadamente o reinado da Rainha Vitoria, foi uma época de transição, com o surgimento de novas ideologias políticas e sociais, quando a Europa veio a se tornar urbanizada, gerando novas relações entre os homens, período esse que teve seu início em 1837 até o ano de 1901. Em seu reinado, conseguiu tornar a Inglaterra um grande império em todos os setores da vida inglesa, inclusive no literário.

Época longa, (um reinado de 64 anos), massa de mudanças rápidas, de década em década, e de contrastes fortes: individualismo evangélico e dogmatismo anglo-católico, culto do herói (Carlyle) e democracia social Fabiana, correção tennysonianiana e estética decadente, romantismo e realismo. Época em que a literatura não se confinou numa torre de marfim, mas se interessou pelos problemas do momento. (MENDES, 1983, p.08)

Muitos foram os feitos dessa época, conforme pontua Mendes (1983). Grandes reformas se processam dando força à classe dos grandes industriais e manufactureiros, enriquecida com as guerras napoleônicas, a vitória dos liberais (whigs) facilitou essas reformas, como a admissão de judeus no parlamento, a liberdade do comércio, os direitos de dispor das propriedades, a lei divorcista de 1857 e a melhoria de vida dos operários.

Em relação à religião, houve a divisão da igreja estabelecida, sendo ela dividida em igreja ampla e igreja alta, a primeira influenciada por ideias racionais com rejeição ao cristianismo, a segunda já voltada ao catolicismo.

De acordo com Mendes (1983) a principal mudança na vida social inglesa na era Vitoriana foi com a revolução industrial, posto que a utilização da máquina viesse trazer modificações intensas e extensas às condições de trabalho e de vida dos operários, como resultados sociais da Revolução Industrial surgiram novas ideias, novas classes, o capitalismo, conflitos entre a indústria e o comércio e entre as próprias classes.

Porém até se chegar a essas mudanças, principalmente da revolução industrial, as condições de vida na era vitoriana, na Inglaterra, mostrava-se de uma condição muito precária, conforme descreve Mendes (1983):

Havia algumas praças e ruas melhores, calçadas e área verdes. O mais eram becos, vielas e largos ou pátios sem calçamento ou malcalçados, onde se localizavam o slums (cortiços) e viviam quase em promiscuidade criaturas humanas das mais baixas

condições e... ratos, antecipando as “cidades de lata” e as favelas dos nossos dias. (MENDES, 1983, p. 09)

Havia muita injustiça e pobreza, e em relação a fé e moral muitas incertezas e dúvidas, para se ter uma ideia, o asseio da população era precário e nulo e as classes operárias e pobres desconheciam inteiramente o banho, muitas mães não dormiam à noite para cuidar de seus filhos recém nascidos com medo de os ratos os comerem.

De acordo com Burgess (1999) a era vitoriana foi marcada como eminentemente hipócrita, foi uma época puritana e assuntos como o sexo era tabu, e por trás de todo respeito e austeridade ocorriam excessos, imoralidade, cuidadosamente ocultos.

Foi uma época de moralidade convencional, de grandes famílias em que o pai era uma espécie de chefe divino, e a mãe, uma criatura submissa como a Eva de Milton. A moralidade rígida, o caráter sagrado da vida em família eram devidos em grande parte ao exemplo da própria rainha Vitoria, e sua influencia indireta sobre a literatura, assim como sobre a vida social, foi considerável. (BURGESS, 1999, p.214).

Apesar do reinado da Rainha Vitória ter contribuído pelo o avanço tanto do desenvolvimento econômico quanto da produção intelectual, foi uma época marcada pelo moralismo e recato, e mesmo com a ascendência da burguesia, as mulheres eram tratadas como uma raça menor, não tinham direitos iguais aos homens, fato esse associado a essa pregação moral e puritana da época.

Na era vitoriana valorizava-se a questão da fidelidade e castidade da mulher, passando a ser vista como algo valioso em relação ao casamento. A mulher não tinha direito a propriedades nem riquezas, não passava de um ser subserviente ao homem, ficando nas mãos do pai, marido, irmãos ou parente próximo. De acordo com Vasconcelos (2007) para a mulher dessa época:

Todo e qualquer bem que traziam para o casamento, em forma de dote, passava automaticamente para as mãos do marido. Nas camadas medias, havia pouca chance de auto-suficiência econômica a para elas e acesso restrito ao mundo de trabalho. Para as mais pobres, havia fundamentalmente três alternativas: a profissão de costureira, criada ou prostituta. (VASCONCELOS, 2007, P.125)

A rainha Vitória era considerada um tanto machista e autoritária, conforme pontua Iwami (2016) em sua dissertação de mestrado:

Vitória foi decisiva para o crescimento do poder econômico e industrial da Grã-Bretanha, sua influência sobre seus súditos foi de tal modo espantoso que, em decorrência de sua viuvez, até os trajes femininos da época sofreram mudanças: as mulheres passaram a adotar roupas mais escuras e longas e mesmo as crianças vestiam preto por ocasião do falecimento de algum familiar. Grosso modo, a soberana governou para um mundo de homens, fez questão de manter as mulheres confinadas ao espaço do lar dificultando a entrada daquelas que ousassem desejar conhecer o mundo que havia fora dos limites da casa. Algumas profissões eram vedadas ou sofriam duras restrições, como a das enfermeiras, proibidas de contrair matrimônio. Entre os ingleses era notório que a rainha prezava pela harmonia dos lares e tinha imenso orgulho da característica moralista de sua corte. (IWAMI, 2016, p.24)

Apesar de todos esses fatos, e nesse mundo limitado, desenvolve-se um dos períodos mais ricos da literatura inglesa, destacando-se grandes autores, e com o barateamento do livro e da imprensa surgiam vários escritores de todas as classes sociais, e muitas escritoras, que mesmo com todo preconceito e do confinamento da mulher ao lar se consagram na literatura. E é nesse cenário que despontam em uma pequena vila de Hawort, no condado de Yorkshire três irmãs que escreviam poemas e romances, sendo elas as irmãs Brontë: Charlotte, Emily e Anne.

O pai de Emily, autora do romance *O morro dos ventos uivantes*, era um ministro americano, se muda para Yorkshire, tornando-se o novo reitor da igreja local, a mãe um ano mais tarde falece, fica a cargo do pai cuidar dos seis filhos, as crianças eram inteligentes, curiosas e talentosas, o rapaz desenhava e as meninas escreviam, faziam reinos imaginários, que descreviam em detalhes, e que hoje vemos que isso foram recursos que elas utilizaram nas suas obras. Sobre essa família, Mendes (1983) descreve:

Estavam longe de imaginar que, com aquele irlandês, com sua pálida e frágil esposa, com as seis criancinhas, uma das quais ainda de braço, viria também a fama universal para a vilazinha obscura e úmida (MENDES 1983, p.124)

Emily Brontë nasceu em 30 de julho de 1818, sendo a quinta dos seis irmãos. Após a morte de sua mãe, Emily e suas irmãs mais velhas foram enviadas para um internato em Cowan Bridge, escola criada para filhos de eclesiásticos pobres, mas a precariedade da escola

matou suas duas irmãs, Maria e Elizabeth, com os rigores do inverno e do clima insalubres ambas adquiriram tuberculose. O ensino das irmãs ocorreu com muitas dificuldades e falta de dinheiro, as escolas que frequentavam eram precárias, pois com a ajuda do pai conseguiram escolas que funcionavam como instituições de caridade, após a morte das irmãs o pai faz retornar a casa Emily e Charlotte tomando aulas informais em casa com a ajuda da tia materna Elizabeth, juntando-se com o irmão e a irmã mais jovem.

As Brontë também tiveram experiências de trabalhos como governantas, preceptoras, cuja função era cuidar das crianças e dar-lhes uma educação moral e social, as preceptoras deveriam portar-se como uma mulher fina, como se fosse uma mãe e para isso eram escolhidas filhas de pároco ou alguém da própria família. Podemos observar como Iwami *apud* Hughes, (2016) descreve como ser preceptora no século XIX:

As mulheres da alta classe média já não queriam ou não podiam ensinar seus próprios filhos, pois isto poderia comprometer o status de que gozavam e, além disso, nem sempre estavam suficientemente preparadas para fazer um syllabus elaborado. A solução imediatamente encontrada foi recorrer aos pensionatos da moda, cuja tarefa precípua era revestir a mulher de certo verniz cultural. A aristocracia tinha, há muito, resolvido o problema de poupar a senhora-mãe das obrigações pedagógicas, contratando os serviços de uma professora residente (IWAMI, *apud* HUGHES, 2016, p.30)

De acordo com Iwami (2016) as preceptoras eram um mal necessário, ou seja, a presença delas só era desejada para ajudar as crianças em seus afazeres, fora isso se tornava constrangedor tê-las por perto, visto que eram discriminadas pela sociedade. Emily Brontë trabalhou como governanta em Law Hill, lugar esse que a inspirou no seu romance a escrever sobre a casa do morro dos ventos uivantes.

Emily e Charlotte foram mandadas para a Bélgica em 1842 para estudar línguas e literatura a fim de abrirem sua própria escola, após sua volta sua missão não obteve sucesso. Tempos depois Charlotte descobre os escritos de Emily e resolve juntar com os dela e da irmã Anne pra publicá-lo. Vários editores o rejeitaram, um resolve publicar, mas à custa dos autores, em 1846 é publicado, mas apenas dois exemplares foram vendidos.

Na Inglaterra, na era vitoriana, era quase que impossível para uma mulher tornar-se escritora, visto que a sociedade e os críticos machistas não aceitariam tal ousadia e para não ferir os costumes de sua época, as irmãs Brontë utilizavam-se de pseudônimos (nomes masculinos), pois a mulher nessa fase também deveria evitar atividades que implicasse ganho

de dinheiro; assim utilizaram as iniciais de seus nomes, Anne (Acton Bell) Charlotte (Carrer Bell) e Emily (Ellis Bell).

Porém o insucesso das irmãs não as desanima e continuam escrevendo cada uma a sua narrativa. Em 1848, morre o irmão de Emily, viciado em ópio e álcool, no mesmo ano em novembro mais precisamente, Emily adquiriu um resfriado que acaba se tornando uma tuberculose e vem a falecer. Ela e a família estão enterradas no cemitério de West Yorkshire na Inglaterra.

Seu estilo de escrita se sobressaltava à época em que viveu, onde o silêncio e os desejos femininos eram vistos como tabu, era considerada antissocial por escolher uma vida doméstica.

Emily Brontë era considerada uma mulher tímida, por isso nunca conseguiu adaptar-se à vida de professora e governanta, e era na literatura que conseguia expressar seus pensamentos e sentimentos, ao que se percebe não teve nenhuma vida amorosa, era considerada tímida e silenciosa dentre as irmãs. Seu estilo de escrita se sobressaltava à época em que viveu, onde o silêncio e os desejos femininos eram vistos como tabu, era considerada antissocial por escolher uma vida doméstica.

As principais obras das irmãs, conforme pontua Burgess (1992), Charlotte Brontë (1816-1855), destaca-se com seu romance *Jane Eyre*, onde uma governanta apaixonada se por seu patrão, casado com uma mulher louca; Anne Brontë (1820-1849) publicou *Agnes Grey* e *O senhor de Wildfell*, cujo talento se tornou menor que as outras duas irmãs e Emily Brontë (1818-1849) destacando-se com seu único romance *O morro dos Ventos uivantes*, é feito com o coração e a alma do espírito romântico, com sua história de uma paixão selvagem que choca os costumes de Yorkshire.

Os vitorianos acreditavam que para a mulher a literatura deveria ser limitada apenas escreviam questões do cotidiano e da vida doméstica, mas Emily Brontë foi mais à frente quebrando todo esse rótulo de mulher frágil, passando uma visão inovadora e realista de tudo que acontecia a sua volta.

Ao lermos o romance *O morro dos ventos uivantes*, podemos notar que existia ali um pouco da vida de Emily Brontë, e com ele assegurou seu destaque na literatura mundial, a autora assistiu a mortes trágicas na família, perdeu a mãe quando ainda era bebê, logo as duas irmãs mais velhas decorrente de uma epidemia de febre tifoide e o ambiente sombrio em que viveu.

Escrever uma obra com personagens um tanto quanto confusos em relação a seus sentimentos, ora sente amor, ora sente ódio não parece ter sido algo difícil, considerando que a mesma usou de sentimentos próprios. Bataille (1998, p.18) afirma que “*não se pode duvidar que Emily Brontë, que morreu por ter vivido as situações que ela descreveu, não se identificasse de algum modo com Catherine Earnshaw?*” Esse fato juntamente com a vida pacata nas charnecas sombrias serviram de inspiração para a criação de um ambiente gótico e de uma infância protegida e religiosa que influenciaram em sua escrita. (SILVA, 2013, P.13)

Por isso dizer que assim como seu romance, sua vida também tinha muito desse estilo gótico. Outras características de Emily Brontë que podemos destacar conforme Mendes (1983):

Das três irmãs Brontë que sobreviveram, era Emily mesmo a que mais se destacava estranhamento pelo físico, pelo caráter, pela inteligência. Era a mais alta, a mais forte, a mais energética e também a mais bonita dum grupo em que a beleza não era muita, embora a inteligência fosse grande. Delgada, de braços longos, com algo de viril e adolescente no porte e no andar, o longo cabelo negro enrolado no alto da cabeça sempre erguida, o rosto pálido, o nariz levemente aquilino, e os grande olhos dum cinzento escuro, às vezes puxando para azul, ora luminosos, líquidos, ora duros, fuzilantes, ou perdidos numa longínqua serenidade e vaguidão, como se olhassem para um outro mundo além do real, ele era vista a vagar sozinha pela charneca ou abraçada a sua irmã Anne, quando não estava entregue a seus afazeres domésticos, a suas leituras ou a seu piano. (MENDES, 1983, p.145)

Como foi possível para uma moça que não tinha contato com o mundo, que vivia reclusa em casa com seus afazeres ter se tornado uma grande escritora com uma obra extraordinária como *O Morro dos Ventos Uivantes*? De acordo com Mendes (1983) “as próprias irmãs a quem ela amava e vivia em íntimo contato, sentiam que havia bem no recesso daquela alma um país ignoto, misterioso, impérvio, onde ninguém penetrava senão a sua solitária rainha.”

Assim conforme pontua Mendes (1983) uma amiga de Emily, Ellen Nussey nos deixou uma descrição reveladora e significativa da vida da autora, onde ela descreve como era Emily no seu cotidiano, destacando dos poucos momentos que vira a amiga feliz, pois era ela mesma que fazia sua disciplina, gozava da liberdade em passear pelos campos da charneca apreciando as belezas que aquele ambiente lhe proporcionava, e era ali que ela mostrava se

feliz, “a terra era apenas uma prisão momentânea, donde um dia sua alma se libertaria, para voar até onde não chegam as lágrimas e o luto.” Gostava de animais a ponto de conversar com eles, sua criada por vezes dizia, a senhora conversa com eles como se compreendessem, e ela respondia: “Ah” estou certa de que compreende”.

Toda essa descrição da vida de Emily nos faz compreender de como sua imaginação era importante para seus escritos, sua imaginação era as inspirações para por no papel a inteligência com que narrava suas obras.

De acordo com Mendes (1983) os últimos anos de Emily foram cheios de decepções e tristeza, ela teve a oportunidade de ver algumas críticas de sua obra *O Morro dos Ventos Uivantes*, um pouco antes de sua morte sua irmã Charlotte lera uma das críticas que Emily teve a oportunidade de ouvir, “um homem de talento excepcional, mas insistente, brutal e fúnebre”, que fez Emily sorrir compassiva diante de tanta desconsideração, como sabemos quando escreveu a obra ela usou o pseudônimo (Ellis Bell). E descreve como foram seus últimos anos:

[...] A casa paroquial cada vez se tornava mais tristonha e soturna, adora com o silencio despertado pelas discussões entre o pastor e seu filho Branwell, com os berros de Branwell nas suas noites de embriaguez, com a sombra da morte se aproximando sempre mais do irmão, em quem tantas esperanças todos haviam depositado. Emily se mostra mais silenciosa e mais reservada. Que pressentimentos amargos lhe assaltariam a alma? Continua sua vida sempre trabalhando em seus afazeres domésticos, lendo tocando, passeando na sua charneca desolada e fria. (MENDES, 1983, p.156-157)

Mendes (1983) relata que os anos finais da vida de Emily descritos por Charlotte foram dias extremamente difíceis, principalmente após a morte do irmão quando pegara um resfriado muito forte, tossia muito e havia muita febre, mas não aceitava a visita de um médico.

Charlotte via com angustia o depercimento de sua irmã. Mas temia irritá-la com uma solicitude qualquer pelo seu estado. Assim descreveu estes últimos dias de Emily: “Definhava rapidamente. Apressava-se em deixar-nos. Contudo, enquanto depercia fisicamente, mentalmente se tornava mais forte do que jamais tínhamos visto. Dia a dia, quando eu via com que rosto encarava o sofrimento, contemplava-a com angústia, misto de maravilha e amor. Jamais vira coisa igual. Mas, na verdade, nunca vira nada em que pudesse ela ser igualada. Mais forte de que um homem, mais simples de que uma criança, sua natureza mantinha-se por si só. O terrível era que, conquanto

cheia de compaixão para com os outros, para si própria era sem piedade; o espírito era inexorável para com a carne.

Executava de mãos tremulas, de pernas enfraquecidas, de olhos apagados, as mesmas tarefas, com a exatidão com que as fazia quando com saúde”. (MENDES, 1983, P.157)

Nos relatos de Charlotte conforme descreve Mendes (1983), na vida de Emily também havia muitas das características góticas que estão presentes em seu romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, esse clima soturno e uma melancolia, e descreve seus últimos instantes de vida:

Às duas horas , como se mostrasse cada vez mais ansiada e doente, as irmãs rogaram-lhe que as deixasse levar para a cama. “Não, não”, negou-se ela. Procurou erguer-se, apoiando-se com uma mão no sofá. E então não pode mais lutar contra a velha visitadora de Haworth. Cedeu para todo o sempre. (MENDES, 1983, P.158)

Infelizmente Emily Brontë teve uma vida curta e trágica, mas isso não foi empecilho para que ela se tornasse um fenômeno da Literatura mundial, sua obra *O Morro dos Ventos Uivantes* tornou-a consagrada, num tempo que era impossível para uma mulher tornar-se escritora, venceu e rompeu todas as barreiras que a sociedade impunha.

CAPÍTULO III - O MORRO DOS VENTOS UIVANTES, DE EMILY BRONTË: UMA ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS GÓTICAS.

Neste capítulo faremos a análise da obra O morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë, onde iremos percorrer a obra destacando seus aspectos góticos.

1 - Narrativa Gótica

Um dos aspectos góticos marcantes no romance de Emily Brontë é a forma de como é descrita a propriedade rural que dá título à obra, em diversas passagens nos deparamos com situações de forças sobrenaturais e por elementos tenebrosos da natureza. As duas casas que instalam o cenário do romance, Thushcross Grange e O Morro dos Ventos Uivantes são lugares afastados próximos a florestas e o vento forte varre a paisagem, frio e neve que remetem o isolamento e a morte. A casa do morro é referida como parecida a um castelo e o clima tempestuoso com muitos vendavais, cenário típico da literatura gótica. Vejamos na visão de Sr Lockwood inquilino de Heathcliff como ele descreve a casa de O Morro dos Ventos Uivantes:

Wuthering Heights (O Morro dos Ventos Uivantes) é o nome da casa do Sr, Heathcliff. *Wuthering* é um significado provincianismo que descreve o tumulto atmosférico a que está ela sujeita na época tempestuosa. Certo que ali em cima sopra um ar puro e salubre, em qualquer estação. A força com que o vento norte passa por aquele cimo é provada pela excessiva inclinação de alguns enfezados abetos plantados num extremo da casa e por uma aléia de magros espinheiros, que estendem os galhos de um lado só, como se implorassem uma esmola de sol. Felizmente, o arquiteto teve o cuidado de fazer uma construção sólida. As janelas estreitas estão profundamente cravadas na parede e as esquinas protegidas por largas pedras salientes. (BRONTË, 1980, P.8)

A forma estética da obra se dá pela narrativa dos personagens Nelly Dean e do Sr. Lockwood, que dividem a voz narrativa em alguns momentos com outros personagens, deixando assim o leitor se confundir diante do que seja real ou sobrenatural.

Para entendermos melhor vejamos o primeiro destes narradores, Sr Lockwood: Um homem que decide deixar a cidade grande, buscando afastar-se da agitação mundana, como ele descreve no primeiro capítulo da obra para recolher-se a uma cidade do interior em busca de tranquilidade e conforto, aluga Thrushcross Grange atual propriedade de Heathcliff.

Vejamos como ele descreve a primeira impressão que ele tem de Heathcliff após voltar de uma visita no O Morro dos Ventos Uivantes:

Acabo de voltar de uma visita ao meu proprietário – o único vizinho que me poderá causar inquietações, Esta região daqui é, na verdade, maravilhosa! Creio que não teria encontrado, em toda a Inglaterra, lugar tão completamente afastado da agitação mundana. Um verdadeiro paraíso para misantropos. E o sr. Heathcliff e eu formamos um perfeito par de galhetas para partilhar irmãmente este deserto. Que homem admirável! Nem imagina que simpatia senti por ele quando, ao estacar o animal, surpreendi seus olhos negros como que se escondendo, suspeitosos, sob as sobrancelhas e sus dedos mergulhando, com desconfiada resolução, ainda mais profundamente, nos bolsos de seu colete, ao ouvir o nome com que me anunciei. (BRONTË, 1980, P.7)

Porém a esta visita ao seu senhorio, ele é recebido com agressividades e percebe nas atitudes de Heathcliff para com os que ali habitam uma rudeza e agressividade. É presumível afirmar que o aspecto gótico no romance *O Morro dos ventos Uivantes* se dá pela forma com que é narrado pelo Sr Lockwood, de como ele distingui os acontecimentos daquele lugar bem como a forma que julga as pessoas que ali moram, por fugir da sua compreensão possa se tornar estranho e até mesmo atribuir formas sobrenaturais. Heathcliff não dá abertura para que Lockwood estabeleça um dialogo, ele fala em arrendar Thrushcross Grange, mas é prontamente interrompido, conforme a narrativa: “Entre! O “entre” foi dito de dentes cerrados e soava como se fosse um “vá para o diabo!”. As situações e condutas em relação às pessoas daquele lugar lhe causam estranhamento, incômodo e até mesmo horror o que faz com que Sr. Lockwood venha a ter uma curiosidade de modo a pedir para Nelly Dean sua empregada para que conte sobre a história do lugar:

Está bem, Sra. Dean, será uma obra de caridade contar-me alguma coisa de meus vizinhos. Sinto que não conseguirei dormir, se for para a cama. Seja bastante amável para sentar-se e conversar uma hora. (BRONTË, 1980, P.37)

Emily Brontë nos faz criar uma expectativa, colocando no narrador uma curiosidade sobre aquela casa tão antiga, um lugar decadente e longe de toda civilização. Ao adentrar a casa de O Morro dos Ventos Uivantes, o narrador fica perdido, meio desorientado antes de conhecer as pessoas daquele lugar e suas relações. Ele coloca sua curiosidade à frente e acaba por cometer vários erros nas observações feitas para com os moradores daquele lugar. Uma

das interpretações erradas que o Sr Lockwood faz é referente a uma jovem moça que ele avista ao entrar na cozinha, ele refere-se a ela como Sra. Heatchiff, achando ser a esposa de seu hospedeiro, quando ela vem a ser a nora dele. Em seguida ele pergunta a Hareton, “o senhor é o feliz dono dessa fada fenfazeja”, o rapaz acaba agindo de forma violenta a ponto de cerrar os punhos, e rogando varias pragas contra ele.

Após toda a cena constrangedora que passou o Sr Lockwood, seu hospedeiro apesar de toda a má vontade esclarece toda a situação, mas não de forma amigável, ele aparenta certa antipatia por seu inquilino.

-O senhor é infeliz em suas conjecturas – observou o meu hospede. – Nenhum de nós dois é o privilegiado senhor de sua boa fada. O marido dela morreu. Disse que ela era minha nora, o que significa que casou com um filho meu.

- E esse rapaz é...

- Não é meu filho, posso garantir-lhe.

-Meu nome é Hareton Hearnshaw – resmungou o outro. – E aconselho a respeitá-lo.(BRONTË, 1980, P.17)

Diante de todo o ocorrido, o Sr Lockwood diz que será mais cauteloso e não se aventurará mais pelos lados daquela casa, e descreve que teve vontade de esbofetear aquele menino e sua visão daquele ambiente vai mudando e relata que não estava sentindo-se a vontade naquela reunião familiar. O tempo começa a mudar quando ele se aproxima da janela, o ar conforme ele relata define como um triste espetáculo começava a ventar e cair uma neve espessa, se vendo naquela situação ele pergunta como iria fazer para retornar a sua casa, porem não obtém nenhuma resposta. Ele ouve então Joseph resmungando e dizendo palavras maldosas, ele crê que Joseph estava se dirigindo a ele e levanta numa reação para revida-lo, mas percebe que aquelas ofensas eram dirigidas a Catherine, então se vê numa situação desesperada, querendo sair logo daquele lugar, onde as pessoas se tratam de uma forma nunca antes vista por ele. Todos os habitantes daquele lugar mostraram-se agressivos e grosseiros, até mesmo Catherine que ele tinha a primeira vista como uma moça delicada e angelical se mostra também no mesmo nível, dizendo a Joseph que lhe aplicaria suas magias negras:

-Velho hipócrita e maldizente! Será que você mesmo não tem medo de ir para o inferno quando fala no demônio? Dou conselho de não me irritar, ou pedirei, como especial favor, que você seja arrebatado para as profundas. Pare! Olhe para aqui José – continuou ela, tirando duma estante um grande livro escuro. – Vou mostrar-lhe como progredi na Magia Negra. Por meio dela, ficarei em breve capaz de limpar esta casa. Não foi

por acaso que a vaca vermelha morreu. E o seu reumatismo não pode ser tido como graça provençal. (BRONTË, 1980, P.18)

Sr. Lockwood em sua narrativa não se espanta com os dizeres de Catherine, leva até pelo meio de diversão, rindo com o fato acontecido, não acreditando nas palavras de Catherine, diferente de Joseph que se vê todo assustado com a profecia da garota, “e Joseph todo tremulo de verdadeiro horror, fugiu rezando e repetindo: Coisa ruim!” Em seguida Lockwood pede ajuda a Catherine para voltar para casa, dizendo a ela que tem um bom coração e lhe indique o caminho, porém ela mais uma vez é grosseira com ele, e diz que mesmo se quisesse não poderia ajuda-lo: “Eles não me deixariam ir nem mesmo ao fim do muro do jardim”. E nessa fala dela que ele enxerga que Catherine talvez possa ser uma prisioneira, e talvez por isso ela tenha se tornado essa criatura selvagem, e arisca, pois vive nesse isolamento e solidão.

Seguidamente Sr Lockwood pede para pernoitar na casa para Heathcliff, mas o mesmo não consente, ele então fica cada vez mais perplexo com todo aquele tratamento dos habitantes daquele local e com a atmosfera sombria que ali se instala, para iluminar seu retorno, resolve pegar uma lanterna emprestada dizendo devolver logo após, mas Joseph chama de ladrão e solta seus cães em cima dele para impedi-lo de seguir:

Quando abria eu a portinha, dois monstros cabeludos saltaram-me ao pescoço, derrubando-me e apagando a luz, ao mesmo tempo em que o risadão de Heathcliff e de Hareton levava ao auge a minha raiva e humilhação. Felizmente, os animais pareciam estar mais inclinados a estirar as patas, a bocejar e agitar a cauda que a me devorar vivo. Mas não permitiam que eu me erguesse e tive de ficar no chão até que aprouvesse a seus malignos donos libertar-me. (BRONTË, 1980, P.20)

Após o fato ocorrido a única pessoa que acolhe e socorre o Sr lockwood é Zilá, a criada da casa, que após ouvir todo o tumulto sai para verificar o que estava acontecendo e o leva para um quarto para passar a noite. Com toda a perturbação, o terror e o olhar maligno de Heatchliff ele fica curioso e assustado com um comentário que faz Zilá sobre o quarto que ele se encontra agora:

Enquanto me guiava na escada, ela recomendou-me que ocultasse a vela e não fizesse barulho, porque seu patrão tinha umas ideias esquisitas a respeito do quarto em que ela ia me pôr e jamais permitia, espontaneamente, que alguém ali se alojasse. Perguntei o motivo. Respondeu que não sabia. Vivía a li a uns

dois anos e tão estranhos eram os modos que ela nem teria tempo de indagar de tudo. (BRONTË, 1980, P. 23)

A narrativa de Lockwood quanto à descrição que ele faz tanto das pessoas quanto dos cenários de *O Morro dos Ventos Uivantes* é tão detalhada e verossímil que chegamos a nos imaginar dentro daquele ambiente criado por Brontë.

Uma das principais características gótica são aparições fantasmagóricas, e está presente na obra *O Morro dos Ventos Uivantes* representada pelo fantasma de Catherine. Quando Sr Lockwood decide pernoitar na fazenda, e passa a noite no quarto que era dela, tem o contato sobrenatural com a morta.

Desta vez, lembrava-me de que estava deitado no quartinho de carvalho e ouvia distintamente as rajadas do vento e as chicotadas da neve. Escutava também o ruído irritante e repetido do galho de pinheiro, atribuindo-o à sua verdadeira causa. Mas aborreci-me tanto que resolvi fazê-lo cessar, se possível. E imaginei que me levantava e que tentava abrir os postigos. O gancho estava soldado à chapa da fechadura, circunstancia que eu observara quando acordado, mas que esquecera. – É preciso entretanto, que eu o faça parar! – murmurei, metendo o punho através da vidraça e estirando um braço para agarrar o importuno galho; mas, em vez disto, meus dedos se fecharam sobre os dedos de uma mãozinha gelada! O intenso horror do pesadelo me empolgou. Tentei recolher o meu braço, mas a mão a ele se aferrava, enquanto uma voz duma melancolia infinita soluçava: - Deixa-me entrar... deixa-me entrar! – Quem és tu? – perguntei, ao mesmo tempo que continuava a tentar desvencilhar-me.

- Catarina Linton – respondeu a voz, tremendo (porque pensava eu em Linton? Havia lido Earnshaw vinte vezes e Linton apenas uma). – Volto para casa. Perdi-me no pantanal! (BRONTË, 1980, P. 27-28)

O furor do horror presenciado pelo Sr Lockwood acaba quando Heathcliff aparece no quarto e fica tomado também de uma sensação de terror.

Heathcliff conservava-se perto da porta, em camisas e de calças, com uma vela que se lhe derretia nos dedos e o rosto tão branco quanto a parede estava por detrás.

O primeiro estalido do carvalho fê-lo estremecer, como sob o efeito duma descarga elétrica. A vela caiu-lhe da mão e projetou-se a alguns passos de distância. Sua agitação era tamanha que ele mal pôde apanhá-la. (BRONTË, 1980, P.29)

Ele tem uma reação agressiva quando percebe que Lockwood ocupou o quarto que ele proibia de alguém entrar. Lockwood narra esse episódio descrevendo a atitude violenta que demonstra sua natureza animalesca.

- Oh! Deus o confunda. Sr. Lockwood! Gostaria que o senhor estivesse no... – começou meu hospedeiro, pondo a vela sobre uma cadeira, porque verificava ser-lhe impossível conservá-la firme na mão. – E quem o meteu nesse quarto? – continuou ele, enterrando as unhas nas palmas das mãos e rilhando os dentes para reprimir as convulsões dos maxilares. – Quem foi? Tenho ganas de tocar para fora o culpado imediatamente! (BRONTË, 1980, P.29)

Diante da situação Lockwood começa a se mostrar também violento e agressivo, deixando de lado toda sua educação e fineza, dizendo que não faria mal se a expulsasse Zilá, a empregada de casa, por tê-lo colocado naquele quarto mal-assombrado. Heathcliff demonstra certo desentendimento dos fatos e Lockwood refere-se ao fantasma como um diabinho deixando Heathcliff todo perturbado, “Adivinhei no entanto pela sua respiração irregular e entrecortada, que ele forcejava para dominar os ímpetos duma emoção violenta”. (BRONTË, 1980, P.30)

Mais uma vez nos deparamos com a presença do sobrenatural por acreditar que vira a presença do fantasma de Catherine. “Se aquele diabinho houvesse entrado pela janela, é provável que me tivesse estrangulado! – repliquei – Não estou para continuar a sofrer perseguições de seus hospitaleiros antepassados”. (BRONTË, 1980, P.29)

Podemos notar na narrativa que Heathcliff confirma totalmente a crença por fantasmas e superstições, conforme narra Sr. Lockwood.

Aproximou-se do leito, abriu à força a janela e, enquanto a puxava, pôs-se a soluçar, numa insopitável crise de lágrimas. – Vem! Vem! – soluçava ele. – Vem Catarina! Oh, vem! – mais uma vez somente! Oh! Querida do meu coração, escuta-me afinal, desta vez, Catarina. (BRONTË, 1980, P.31)

Nelly Dean é outra narradora principal, ela assume a narrativa, quando passa a relatar os fatos acontecidos no passado que envolve os moradores de o Morro dos Ventos Uivantes e Thushcross Grange, que vai da chegada de Heathcliff até o tempo presente e conta detalhadamente o passado dramático do casal protagonista Heathcliff e Catherine, ela inseriu aos relatos que faz ao Sr Lockwood seus julgamentos e entendimentos de toda época que

passou ali com aquelas pessoas. Em seus relatos há muito julgamento do que testemunhava ali:

E Catarina, por seu lado, não compreendia porque seu pai estivesse mais irritadiço e impaciente na sua doença, do que quando gozava saúde. Suas frenéticas reprimendas despertavam nele um maldoso prazer em irritá-lo. Nunca se sentia mais satisfeita do que quando todos juntos a repreendíamos e nos desafiava com seu olhar atrevido e impertinente e com suas respostas prontas. (BRONTË, 1980, P. 44)

Por conviver desde pequena com a família Earnshaw, ela acaba por trazer muitas informações daquele passado e coloca muitas das vezes um pouco de sua emoção ao relatar os acontecimentos. Sua mãe foi quem cuidara de Hindley, e Nelly costumava sempre brincar com as crianças daquele lugar, e após a morte da Sra. Earnshaw ela assume o papel de empregada na casa. Em uma das conversas com Sr Lockwood ela fala de como chegou aquele lugar:

Antes de eu vir morar aqui – começou ela, sem esperar novo convite para contar sua história -, estava quase sempre em O Morro dos Ventos Uivantes, porque minha mãe tinha criado o Sr. Hindley Earnshaw, que era o pai de Hareton, e eu me habituara a brincar com as crianças. Fazia também os recados, ajudava a ajuntar o feno e andava na Granja, pronta a qualquer trabalho que me quisessem dar. (BRONTË, 1980, P.37)

Sua narrativa está inserida no estilo gótico, pela forma com que ela relata as lembranças, como se estivéssemos dentro de um conto de fada, com suas impressões assustadoras e peculiares. Como na forma que ela descreve um fato ocorrido, “numa bela manhã de verão”, antes de realizar uma viagem o Sr Earnshaw perguntou a Hindley e Cathy o que queriam que ele trouxesse de presente.

- Agora, meu rapaz, sigo para Liverpool hoje. Que quer que lhe traga? Escolha o que desejar, mas que não seja grande, porque irei e voltarei a pé. Sessenta milhas de ida e 60 de volta é uma boa caminhada!

Hindley pediu uma rabeça. Depois chegou a vez da Srta. Cathy. Ela mal contara seis anos, mas era capaz de montar qualquer cavalo da estrebaria. Escolheu um chicote. Não fui esquecida, pois ele tinha bom coração, embora se mostrasse por vezes um tanto severo. Prometeu trazer para mim uma boa quantidade de maçãs e peras. Depois beijou as crianças, disse adeus e partiu. (BRONTË, 1980, P.37)

De acordo com Alegrette (2016) cada presente representa de forma simbólica a personalidade de cada personagem, um constituinte presente dos contos de fadas e cita como exemplo *A bela e a fera*, colocando nas maçãs e as peras a simplicidade de Nelly, a rabeça de Hindley o desejo de se tornar fino e culto e o chicote de Cathy seu temperamento rebelde, violento e agressivo. Porém vemos no decorrer do romance que esses pedidos não são atendidos, pois na viagem todos os presentes são destruídos, e no lugar dos presentes o Sr. Earnshaw traz consigo um menino (Heathcliff) que ele encontra perdido nas ruas de Liverpool, e como relata Nelly à presença daquele estranho causa na Sra. Earnshaw e nela certa repulsa e pavor.

Nelly Dean relata que não gostava de Heathcliff quando ele chegou em O Morro dos ventos uivantes, porém estava certa que ali seria seu novo lar:

A Srta. Cathy e ele estavam agora muito íntimos. Mas Hindley odiava-o! E, para falar a verdade, eu também. Nós o atormentávamos e o tratávamos duma maneira vergonhosa, porque não tinha eu bastante juízo para perceber a minha injustiça e a patroa não intervinha jamais a favor dele quando o via ser injustamente tratado. (BRONTË, 1980, P.39)

Nelly afirma que a presença de Heathcliff foi à causa de desinteligências na família, a partir do momento que ele chegou a harmonia da casa foi se desmanchando. Após a morte do Sr. Earnshaw as coisas pioraram de vez, pois Hindley odiava Heathcliff e agora como o novo patrão da fazenda ele o reduz a um mero empregado quase escravo da casa. E Nelly vai dando seguimento aos seus relatos, sempre reforçando uma atmosfera de violência e agressividade nas descrições de seus personagens.

O ponto central na obra de Emily Brontë é a relação entre Catherine e Heathcliff, o amor sublime e maldito, relação que desafia o limite de vida e morte. Em sua narrativa Nelly Dean relata que Heathcliff suportou sua degradação pois tinha o amor e companheirismo de Catherine. Ela enfatiza que os dois se complementavam, e relata que diziam que “ambos prometiam tornar-se rudes como selvagem.” (Brontë, 1980, p.48).

Iwami (2016) descreve a interação desses dois personagens narradores:

A empreitada de Nelly Dean e Lockwood foi, ao que o tempo, críticos e leitores indicam, concluída com êxito, pois a história escrita pela pena de Emily Brontë já atravessou dois séculos de reverência. Ellen “Nelly” Dean e o Sr. Lockwood são o que Wayne Booth conceituou em sua obra como narradores dramatizados, isto é, são tão personagens da história quantos aqueles sobre os quais nos falamos, portanto, para Booth, são narradores conscientes de si próprios. As ações narradas por

Nelly Dean e o Sr. Lockwood partem do tempo presente (1801, ano em que Lockwood aluga a Granja da Cruz do Tordo), mas passeiam livremente pelo passado guardado na memória da empregada. (IWAMI, 2016, P.42-43)

Outra passagem muito importante na obra é quando Heathcliff mantém prisioneira Catherine, filha de Edgar Linton para casar com seu filho Linton, Nelly Dean descreve Heathcliff como um homem malvado e desumano, a ponto de causar sofrimento à filha de Linton que ele tanto odeia, por pura vingança e crueldade.

- Silêncio! – disse o canalha. – Vá para o diabo com esses gritos! Não estou pedindo sua opinião. Srta. Linton, será para mim uma satisfação pensar que seu pai possa estar sofrendo. Essa alegria não me deixará dormir. Você não poderia encontrar melhor meio de garantir-se uma permanência de 24 horas sobre meu teto, que esse de informar-me de que sua estada terá por efeito fazer seu pai sofrer. Quanto à sua promessa de casar-se com Linton, terei o cuidado de fazer com que se cumpra, pois não permitirei que deixe esta casa antes que ela seja cumprida. (BRONTË, 1980, P.253)

Os aspectos góticos vão se destacando no decorrer da obra, na narrativa de Nelly onde ela vai comparando Heathcliff a um lobisomem e vampiro, ela descreve já no final que ele adquirira uns costumes estranho, como de vagar a noites pelo cemitério para visitar o túmulo de sua amada, e se questionava de sua verdadeira aparição e aparência. “Aqueles profundos olhos negros! Aquele sorriso! Aquele palidez de fantasma! Acreditei ver não o Sr. Heathcliff, mas um espectro.” (BRONTË, 1980, P.304).

- Será ele um lobisomem ou um vampiro? – perguntava eu. Havia lido histórias a respeito desses horrendos demônios encarnados. Depois refleti que havia cuidado dele em sua infância, que fora testemunha de sua passagem à adolescência, que o havia seguido durante quase toda sua existência e que era um absurdo ceder àqueles sentimentos de horror. (BRONTË, 1980, P.304)

2 - Heathcliff e o gótico

Na obra *O morro dos ventos uivantes*, podemos ver como a autora Emily Brontë identifica o personagem Heathcliff, como um menino sujo, maltrapilho, de cabelos pretos, grande bastante para andar e falar, abandonado nas ruas de Liverpool e o Sr. Earnshaw resolve trazê-lo para casa e adotá-lo, tratando o muito bem, essas características apresentadas

e a sua origem desconhecida, associada ao seu temperamento sombrio o qual veremos mais a frente tornam-no um modelo de elemento gótico.

Porém com a morte do Sr. Earnshaw, o filho Hindley acaba assumindo-se chefe da família e começa a tratar Heathcliff como um empregado, quase um escravo da casa, passando a humilhá-lo e maltratá-lo. Apesar de toda a humilhação e dos maus-tratos podemos verificar, através de uma passagem do romance um momento dos poucos onde Heathcliff se sente feliz:

Mas era um dos maiores prazeres para ele vagarem desde cedo pelos pântanos e lá ficarem o dia inteiro. O castigo resultante tornou-se um mero motivo para gargalhadas. Podia o pastor dar tantos capítulos quantos lhe agradassem para Catharina decorar e José sovar Heathcliff até doer o braço, que eles esqueciam tudo no momento em que de novo se juntavam, ou quando haviam combinado algum travesso plano de vingança (BRONTË, 1980, p.48)

Heathcliff aguentou todos os tipos de humilhação na fazenda *O morro dos ventos uivantes* por amor a Catherine, amor esse que durou até que Catherine resolveu aceitar se casar com Edgar Linton, achando que seria a melhor forma de continuar com Heathcliff, pois com Edgar ela teria *status* social e conforto, podendo assim dar uma vida melhor a ambos. Vejamos a passagem no romance onde Heathcliff ouve uma conversa de Catherine com Nelly Dean:

Não me interessa casar com Edgar Linton, como não me interessa estar no céu. E se o sujeito perverso que aqui vive não houvesse degradado tanto Heathcliff eu não teria pensado nisso. Agora me degradaria eu mesma, se casasse com Heathcliff. (BRONTË 1980, p.70)

Inconformado com a decisão de Catherine, Heathcliff vai embora do Morro dos Ventos Uivantes, aparecendo conforme narra Nelly Dean três anos mais tarde, porém não sabemos por onde ele andou durante todo esse tempo. Ao retornar ele vem com um único propósito, o de se vingar de todos que assim acha que o fizeram algum mal, inclusive de sua amada Catherine.

Vemos após a leitura do romance, Heathcliff se comportar como um anti-herói, muitas vezes comparado a um demônio, vampiro ou lobisomem diante de sua vingança, principalmente como ele se porta após seu retorno diante daqueles que considera como inimigo durante toda a narrativa. Como podemos ver em uma passagem da obra, quando

Isabela sua mulher pergunta: “Heatcliff é uma criatura humana? Se é, será louco? E se não, será um demônio”?

Em *A voz embargada*, a autora Wanderley (1996) descreve Heatcliff como um demônio vindo de baixo:

Que usou métodos aplicados pelo capitalismo que se implantava na estrutura agrária. Um elemento que vai instaurar uma nova ordem e que para alcançar seus fins econômicos não mediu escrúpulos apesar da paixão romântica que o animava. É, portanto um demônio apaixonado esse Heathcliff, mas bastante racional em relação aos fins materiais que persegue, Não seria estranha, a tal percurso na vida prática, a ideia de um modelo weberiano de ação nacional. (WANDERLEY, 1996, p.116)

Podemos perceber ao longo do romance que Heathcliff passa por várias fases, primeiro no início da história uma criança abandonada, solitária e triste, logo um adolescente mais durão após a morte de seu protegido e por fim um homem vingativo e maldoso por conta da decisão e da rejeição de Catherine. E após a morte de Catherine ele vai passando por várias transformações, tornando-se a cada capítulo uma figura cruel e vingativa, características essa do elemento gótico.

O gótico é idealizado para atingir o leitor ao extraordinário, que impulsiona ao medo, ao horror. O uso do imaginário sobrenatural, do irreal e do assustador, varia passagens da obra colocam-nos nessa situação. Heathcliff sentia por Catherine um amor tão imenso que acabou o levando a loucura, achando que não poderia mais viver após sua partida a não ser que pudesse sentir sua presença por perto. E sentindo-se desprezado por ela, por não ter vivido o amor por ele, implora para ela para que não o abandone mesmo depois da morte.

-Que ela desperte em meio dos tormentos! – gritou ele com terrível veemência, batendo com os pés e gemendo, num súbito paroxismo de desgovernada paixão. – Será que ela mentiu até o fim?! Onde está ela? Lá não... no céu não... consumida não... onde? Oh! Tu dizias que não davas importância a meus sentimentos! E eu rezo uma oração... hei de repeti-la até que minha língua se entorpeça... Catarina Earnshaw possa tu não encontrar sossego enquanto eu tiver vida! Dizes que te matei, persegue-me então! A vitima persegue seus matadores, creio eu. Sei que fantasmas têm vagado pela terra. Fica sempre comigo.... encarna-te em qualquer forma... torna-me louco! Só não quero que me deixas neste abismo, onde não te posso encontrar! Oh, Deus! É inexprimível! Não posso viver sem minha vida! Não posso viver sem minha alma! (BRONTË 1980, p.157-158)

O ambiente de horror é exposto através da presença de túmulos e cadáveres, além de sangue e crueldade, convertendo a atmosfera da história ainda mais sombria. Podemos constatar essas características no relato de Nelly Dean de como Heathcliff se machuca após pedir que o fantasma de Catherine o persiga: “Bateu com a cabeça contra o nodoso tronco; depois, erguendo os olhos, pôs-se a uivar, não como uma criatura humana, mas como um animal selvagem a quem se esta matando com facas e chuços. Percebi varias manchas se sangue na casca da arvore.” (BRONTË 1980, p.158)

Mesmo após a morte de Catherine, Heathcliff sentia sua presença, amargurado com seus sonhos e pensamentos, ele foi à busca de libertação para sua alma, como podemos observar na passagem a seguir quando relata o episódio para Nelly:

Consegui que o coveiro, que estava cavando a cova de Linton, retirasse a terra que cobria o ataúde de Catarina, e abri-o. Cri um instante que iria ficar ali. Quando tornei a ver seu rosto... era ainda o seu rosto!... o coveiro teve dificuldade em fazer que eu me afastasse, mas disse-me que o ar alteraria o rosto. Então desfiz um dos lados do ataúde, que em seguida, tornei a cobrir, mas não do lado do Linton, que o diabo o leve! Gostaria de que o ataúde dele houvesse sido soldado com chumbo. Depois subornei o coveiro para que arrancasse aquela banda, quando estivesse eu deitado também ali, e que fizesse a mesma coisa com o meu ataúde, que eu mandaria fazer o propósito. E então, quando Linton vier ver-nos, não poderá reconhecer coisa alguma. (BRONTË, 1980, P.265)

Muita dessas características destacadas em Heathcliff nos remete a um ser gótico, sua descrição física, os segredos não revelados de sua vida, a questão de ser considerado um demônio. Como nessa passagem em que Joseph o encontra morto: “- o diabo carregou-lhe a alma - exclamou ele – e poderia muito bem levar-lhe também a carcaça de quebra, que a mim pouco se me daria. Veja! Que cara de malvado a escarnecer assim da morte!”(Brontë, 1980, p.309). Assim como Heatcliff, Catherine também tem sua representação fantasmagórica, após a morte de ambos, há vários relatos de que estariam vagando juntos pelas charnecas do Morro dos Ventos Uivante. Conforme relata Nelly Dean numa conversa com Sr. Lockwood:

As pessoas da região, porem, se o senhor as interrogar, jurarão sobre os Santos Evangelhos que ele anda *passeeando*. Há quem pretenda tê-lo encontrado perto da igreja, ou na charneca, ou mesmo nesta casa. Histórias sem pé nem cabeça, dirá o senhor e eu também. No entanto, o velho que esta la embaixo, no canto do fogo, na cozinha, afirmam que viu a ambos olhando pela janela do quarto, em cada noite chuvosa, depois da morte de

Heathcliff. E uma coisa curiosa me aconteceu há cerca de um mês. Eu ia uma noite à Granja. Estava escuro e ameaçava tempestade. Justamente na volta do Morro encontrei um pastorzinho que impelia diante de si uma ovelha e dois cordeiros. Chorava copiosamente. Supus que os cordeiros eram rebeldes e não queriam deixar-se conduzir.

- Que há, meu homenzinho? – perguntei.

- Heathcliff e uma mulher estão lá embaixo, sob a ponta do rochedo – respondeu ele, soluçando – e eu não tenho coragem de passar na frente deles. (BRONTË, 1980, P.310)

Portanto de nada adiantou ter conseguido por meios desconhecidos sua riqueza, Heathcliff é uma criatura condenada à degradação, quase não é humano.

3 - Catherine e o gótico

Observamos a presença de Catherine em todo o desenrolar da trama, em sua primeira fase ainda criança, percebemos como uma criança feliz que vive a brincar pelas charnecas livre e que adorava cavalgar. Logo, com o aparecimento de Heathcliff e com a relação entre os dois ela começa a se tornar uma jovem de figura forte e com um sentimento arrogante e infantil. Nelly Dean descreve Catherine ainda criança:

Na verdade ela era diferente. Tinha modos que nunca vi em outras meninas. Fazia a gente perder as estribeiras umas cinquenta vezes e até mais por dia. Desde a hora em que descia até a em que se ia deitar, não havia minuto em que não tivéssemos de recear um malfeito de sua parte. Estava sempre em ebulição, a língua sempre em movimento... cantava, ria e atormentava quem não fazia o mesmo. Um selvagem diabinho! Mas tinha os olhos mais alegres, o sorriso mais doce e o pé mais ligeiro de toda freguesia. (BRONTË, 1980, p.44)

Catherine tem um temperamento dominador e obcecado por Heathcliff, e isso faz com que esse caráter traga sustento para seu espírito, talvez seja isso que a faz dar um segmento para sua vida. “Se tudo percesse, mas Ele ficasse, eu continuaria a existir. E, se tudo permanecesse e ele fosse aniquilado, o mundo inteiro se tornaria para mim uma coisa totalmente estranha, Eu não seria mais parte desse mundo” (Brontë, 1980, p.80). Essa ligação com Heathcliff era muito forte, para ela era como se os dois fossem um só:

“[...] Seja de que forem feitas nossas almas, a dele e a minha são as mesmas [...] Completamente abandonado! Separados nós dois! – Exclamou ela, num tom indignado. – Quem nos

separaria, pergunto-te eu? Quem o fizesse teria a mesma sorte de Milon de Crotona! Enquanto eu viva for, Helena, nenhum mortal conseguirá isso. Poderão todos os Linton da terra desaparecer, mas não consentirei em apartar-me de Heathcliff (BRONTË, 1980, p.79- 80)

Analisamos Catherine com o passar do tempo, como uma pessoa interesseira, pois ela prefere casar-se com Edgar Linton a viver o amor por Heathcliff, já que ele não teria nada a oferecer a ela, e seria humilhante para ela uma moça de classe média casar-se com um jovem pobre e sem classe, e isso faz com que ele se afaste e toda a tragédia viesse à tona. Vemos a decepção de Heathcliff na passagem em que ele ouve a conversa com Nelly Dean; “Agora me degradaria eu mesma, se casasse com Heathcliff” (BRONTË, 1980, p.79).

Podemos dizer que toda tragédia na vida de Catherine encontra origem em seu aprisionamento social, pois Catherine é incapaz de ir contra as convenções sociais da época, a qual estava amarrada. Ao optar por casar com Edgar Linton, Catherine escolhe seguir o que seria exigido de uma mulher na época da narrativa, crendo que se tornando uma mulher rica casando com um homem de posses, viria mais tarde ajudar Heathcliff, o homem a quem ela verdadeiramente amava.

Em uma passagem da obra, Nelly questiona Catherine, se ela com o dinheiro do marido ajudaria Heathcliff, colocando em dúvida seu caráter.

- Com o dinheiro de seu marido. Srta. Catarina? Você não o encontrará tão manejável quanto calcula. Muito embora não caiba a mim ser juiz no caso, penso que esse é pior dos motivos que você deu para explicar seu consentimento em casar-se com o jovem Edgar Linton. (BRONTË, 1980, p.80)

É nesse mesmo diálogo que Catherine fala a Nelly de seus sentimentos por Heathcliff e Edgar Linton seu futuro esposo.

- Não é – retrucou ela -, é o melhor! Os outros eram a satisfação de meus caprichos e dos de Edgar também. Este outro diz respeito a uma pessoa que reúne em si tudo quanto eu sinto por Edgar e por mim mesma. Não posso exprimi-lo, mas decerto tu tens, como toda a gente, uma vaga ideia de que há, de que deve haver fora se nós uma vida que é ainda nossa. De que serviria eu ter vindo ao mundo se me confinasse no que aqui está? Minhas grandes infelicidades neste mundo tem sido as infelicidades de Heathcliff. Aguardei-as e senti-as todas desde sua origem. É Ele a minha grande razão de viver. Se tudo percesse, mas ele ficasse, eu continuaria a existir. E, se tudo permanecesse e ele fosse aniquilado, o mundo inteiro se tornaria para mim uma coisa totalmente estranha. Eu não seria

mais parte desse mundo. Meu amor por Linton é como a folhagem dos bosques; o tempo o transformará, estou bem certa, como o inverno muda as árvores. Meu amor por Heathcliff assemelha-se aos rochedos imotos que jazem por baixo do solo: fonte de alegria pouco aparente mas necessária. Nelly, *eu sou Heathcliff!*(BRONTË, 1980, P. 80-81)

Catherine, ao dizer a frase mais famosa do romance: “*eu sou Heathcliff*”, acredita que por afirmar ser , ele aceitará todas as suas ordens, inclusive ao casar-se com Edgar Linton levar Heathcliff para viver com eles.

Após ouvir a conversa de Catherine com Nelly Dean, Heathcliff desaparece de O Morro dos Ventos Uivantes, ela então se casa com Edgar Linton morador da casa Thrushcross Grange, um rapaz rico, educado e de um coração bom, mesmo não o amando, e seu amor não mudaria em nada o sentimento que ela tinha por Heatcliff.

Após seu casamento Catherine se muda para casa de Edgar Linton, porém com o passar do tempo seu jeito de ser muda e ela começa a mostrar-se uma pessoa melancólica, com um quadro clínico depressivo. Esse quadro nos é colocado por Silva (2010) como:

[...] uma ambiguidade se estabelece, pois, no uso da palavra melancolia: por um lado, um humor natural e não necessariamente patogênico e, por outro lado, uma doença mental produzida por um excesso ou desequilíbrio dos humores (SILVA *Apud* PERES, 2010, p.15)

Sua decisão a levou a viver no limite da razão, diante do que é natural e a loucura. Como ela mesma nos mostra, “-Estou a ponto de perder o juízo, Nelly!”. Essa fala de Catherine exprime a constante mudança em sua personalidade. Ela se vê diante da frustração e irritação, pois percebe que com sua decisão está levando uma vida que não gostaria de ter.

Principalmente após o retorno de Heathcliff, vai tornando-se mais rebelde, e sua loucura mais constante, ele volta com um sentimento de vingança, com o desejo de trazer de volta seu amor, não se conformava com o fato de Catherine tê-lo trocado por um status social não seguindo o desejo de seu coração, sua principal vingança foi para fazer sofrê-la casando com a cunhada Isabel, vítima de sua covarde vingança, o que acarretou na doença de Catherine e acabou por levá-la à morte.

Heatcliff ao retornar para O morro dos ventos uivantes, em uma conversa com Catherine, diz que a intenção dele não é vingar-se dela, e lhe dá a seguinte explicação:

- Não procuro vingar-me em ti – replicou Heathcliff, com menos Veemência. – Não é esse o meu plano. O tirano oprime

seus escravos, mas não é contra ele que eles se voltam. Eles esmagam os que se encontram sob seus pés. Tu podes, para te divertires, torturar-me até a morte, mas permita que eu também me divirta um pouco no mesmo estilo e abstém-te de insultar-me o mais que puderes. Depois de teres destruído meu palácio, não ergas uma choupana e complacentemente admires tua própria caridade em dar-ma como morada. Se eu imaginasse que desejas realmente ver-me casado com Isabel, cortaria meu próprio pescoço! (BRONTË, 1980, P. 108-109)

A melancolia é uma das características do romance gótico. A melancolia de Catherine apresenta muito forte após o retorno de Heathcliff; ela se vê num estado de autodestruição mostrando que não queria mais pertencer a este mundo acreditando que sua morte estava próxima, conforme podermos comprovar numa passagem da obra:

- Oh! Estás vendo, Nelly, ele não se abrandaria um momento sequer para me preservar do túmulo. É assim que sou amada! Ora que importa! Esse não é meu Heathcliff. O meu, eu o amarei malgrado tudo e o levarei comigo, porque ele está dentro da minha alma. E depois – acrescentou ela, com um ar sonhador -, o que me faz mais sofrer, afinal, é esta prisão frágil. Estou cansada de ficar presa aqui. Tarda-me fugir para aquele outro mundo glorioso e lá ficar para sempre; tarda-me de vê-lo vagamente através de minhas lágrimas, suspirar por ele por trás das muralhas dum coração cheio de dor, em vez de estar realmente nele e com ele. Nelly, tu pensas que é mais feliz do que eu e que tens mais saúde. Estás em plena saúde e em pleno vigor! Tens pena de mim... mas em breve tudo isso mudará. Eu é que terei pena de ti. Estarei incomparavelmente além e acima de todos. (BRONTË, 1980, p. 151)

Porém diante de toda a situação que Heathcliff deixou Catherine, ela veio a ficar doente mergulhada em um profundo desespero pela perda de seu amor para Isabel.

Sem forças e vontade de viver, Catherine Earnshaw dá luz à Catherine Linton, mas morre após o parto da filha:

Lá pelas 12 horas daquela noite nasceu Catarina que o senhor viu em O morro dos ventos uivantes, uma criança branquinha, de sete meses. Duas horas depois a mãe morria, sem ter recobrado a consciência suficiente da ausência de Heathcliff ou da presença de Edgar. O desespero deste último é um assunto demasiado penoso para ser tratado. Seus efeitos ulteriores mostraram quão profundamente fora ele atingido. Sua dor aumentou ainda, creio eu, pelo fato de ficar sem herdeiro. Ele lamentava tal coisa quando comtemplava a fraca orfãzinha e, comigo mesma, censurava o velho Linton (o que não passava entretanto de uma parcialidade bem natural) por ter assegurado

seus bens à sua filha e não à filha de seu filho. (BRONTË, 1980, P.155)

Mesmo após sua morte Catherine não deixa de ser presença na vida Heathcliff, sua alma não descansa e ela aparece em forma de assombração para atormentá-lo, conforme podemos visualizar em uma passagem do romance. “Deixe-me entrar... deixa-me entrar! – Quem és tu? – perguntei ao mesmo tempo em que continuava a tentar desvencilhar-me. – Catherine Linton – respondeu a voz, tremendo”. (Brontë, 1980, p.28).

Perante a morte de Catherine, Heathcliff inconformado clama pelo espírito de sua amada, ele diz ser uma oração e que gritará ate que não tenha mais voz:

Catarina Earnshaw, possas tu não encontrar sossego enquanto eu tiver vida! Dizes que te matei, persegue-me, então! A vítima persegue seus matadores, creio eu. Sei que fantasmas têm vagado pela terra. Fica sempre comigo... encarna-te em qualquer forma... torna-me louco! Só não quero que me deixes neste abismo, onde não te posso encontrar! Oh Deus! É inexprimível! Não posso viver sem a minha vida! Não posso viver sem minha alma! (BRONTË 1980, p.158)

Outra característica muito forte do romance gótico é o sobrenatural e esse fato é muito marcante após a morte de Catherine. Como visto na leitura do romance o fantasma de Catherine vagava pelo O Morro dos Ventos Uivantes, obedecendo assim ao chamado de Heathcliff, como vemos na seguinte passagem. “– Vem! Vem! – Soluçava ele. – Vem, Catarina! Oh! Vem – mais uma vez somente! Oh! querida do meu coração, escuta-me afinal, desta vez Catarina” (Brontë 1980, p.31). Diante do aparecimento do fantasma de Catherine, podemos visualizar a característica gótica presente no romance.

É no último capítulo de O Morro dos Ventos Uivantes, que constatamos toda a desordem em que se encontra Heathcliff por enxergar na casa o fantasma de Catherine, há dias não comia nada. “- Não é culpa minha se não posso comer nem dormir. Garanto que não é por vontade minha. Eu o farei desde que me seja possível” (Brontë, 1980, p.307)

Através da morte dos dois personagens, presenciamos o gótico em seu ápice, diante dos relatos de Nelly Dean, quando encontra Heathcliff morto:

O senhor Heathcliff estava lá estendido de costas. Seus olhos reencontraram os meus... tão agudos e tão ferozes que estremeci. Depois pareceu-me que ele sorria. Não podia crer que estivesse morto. Mas seu rosto e seu peito estavam encharcados pela chuva. Os lençóis pingavam água e ele jazia completamente imóvel. A janela, que batia, lhe havia esfolado

uma mão, que se apoiava no rebordo. O sangue não corria da ferida e, quando pus nela os dedos, não pude mais duvidar: ele estava morto e rígido (BRONTË, 1980, p.309)

Não podemos afirmar que após a morte se encontraram em outro plano e que foram felizes, há relatos de quem passa por aquela região que os vê passeando, uns dizem vê-los perto da igreja, nas charnecas e mesmo na casa de O Morro dos Ventos Uivantes. Podemos dizer que foi um amor amaldiçoado, fruto de consequências trágicas, onde amor e ódio, o bem e o mal caminharam juntos, fazendo tanto eles, quanto quem esteve a sua volta sofrerem também.

4 - A maldade em *O morro dos Ventos Uivantes*

A questão da maldade apresentada na obra de Emily Brontë se mostra ainda na infância dos personagens. Pois quando Heathcliff é trazido para O morro dos ventos uivantes, Catherine e Hindley demonstram total desagrado pelo menino, visto que o pai não tinha trazido consigo os presentes prometido na sua volta, percebemos um comportamento desprezivo e malcriado quando se referem a Heathcliff, conforme podemos constatar na passagem:

Hindley era um rapaz de catorze anos, mas quando retirou do capote o que fora uma rabeça, reduzida a pedaços, chorou copiosamente. E Cathy, quando soube que o patrão perdera o chicote, ao se ocupar com o estranho, revelou seu descontentamento fazendo caretas e cuspiando na direção da estúpida criaturinha, o que lhe valeu um bom tapa do pai, para ensinar-lhe a ter modos mais convenientes. Recusaram-se absolutamente a partilhar a cama com o intruso e até mesmo a tê-lo no mesmo quarto. (BRONTË, 1980, p. 38-39)

A maldade às vezes vinha como forma de violência física ou psicológica, principalmente vindas de Hindley e Heatcliff, não perdoava nem mesmo animais, crianças e mulheres. Com a morte do Sr. Earnshaw a crueldades de Hindley ficou ainda mais forte para Cathy e Heathcliff, que acabaram se tornando amigos inseparáveis, afeto era somente entre os dois.

Uma vez que o jovem patrão não cuidava absolutamente de saber como eles procediam e o que faziam, bastando-lhe que estivessem longe de sua vista. Não teria mesmo providenciado para que eles frequentassem a igreja aos domingos se José e o pastor não o houvessem admoestado pela sua indiferença à ausência deles. Lembrava-se então de mandar fustigar Heathcliff e de privar Catarina de jantar ou cear. [...]. Podia o pastor dar tantos capítulos quantos lhe agradassem para Catarina decorar e José sovar Heathcliff até doer o braço [...]. Muitas vezes chorei sozinha por vê-los tornarem-se cada dia mais desavergonhados, mas não ousava dizer uma palavra, com receio de perder o pequeno domínio que ainda exercia sobre aqueles dois seres privados de afeição. (BRONTE, 1980, p.48)

Outro personagem que sofre durante todo o desenrolar da trama é Hareton, filho de Hindley, que ainda bebê após o falecimento da mãe é vítima dos maus tratos do próprio pai, sofreu violências físicas e psicológicas, Hindley tinha prazer em ferir o filho ou quem cruzasse seu caminho: “Hareton sentia sempre um terror salutar; porque, num caso, corria o perigo de ser sufocado por seus beijos, e noutro, o de ser lançado no fogo ou arrojado de encontro à parede. Por isso, o coitadinho ficava bem quietinho em qualquer lugar onde me desse à veneta de colocá-lo.” (Brontë, 1980, p.73). Logo depois da morte de sua esposa, Hindley se tornou ainda mais perverso, e todos a sua volta sentiam pavor e medo de sua presença:

A notícia da chegada do Sr. Hindley fez com que Linton fugisse rapidamente para seu cavalo e Catarina para o quarto. Fui esconder o pequeno Hareton e descarregar a espingarda do patrão, pois gostava de, naquele estado de louca excitação, brincar com ela, ameaçando a vida de quem quer que provocasse, ou apenas atraísse demasiado sua atenção. Tomara o propósito de descarregar a arma, a fim de evitar uma desgraça, caso o patrão tivesse tensão de atirar com a espingarda. (BRONTË, 1980, p.71)

Além das crianças e mulheres, os animais retratados nas passagens por Emily Brontë também são alvo de maldades, talvez seja o aspecto mais sombrio de toda a obra, a autora tinha uma ligação muito diferente com eles, pois teve como seu fiel companheiro um cãozinho de nome keeper, além de outros animais mencionados em cartas pela família. Vejamos como descreve Heathcliff a Nelly Dean ao que havia feito quando levou consigo Isabel Linton: “A primeira coisa que ela me viu fazer, ao deixar a Granja, foi enforcar sua cadelinha” (BRONTË, 1980, p.143).

Outro momento é o comentário de Linton, filho de Isabel e Heathcliff à prima, relatando de como o pai bate em cavalos e cães: “Fecho os olhos quando meu pai bate num cão ou num cavalo... ele bate com tanta força!”. (BRONTË, 1980, P.259)

Algumas atitudes de Linton também apontam certa maldade em seu caráter, como na passagem a seguir, onde Cathy é castigada por seu pai, “Contudo, a princípio, fiquei contente... ela merecia uma punição por me haver empurrado”. (BRONTË, 1980, P.259)

5 - Heathcliff e Hindley

Heathcliff e Hindley mantiveram um pelo outro um sentimento de ódio, desde que o Sr. Earnshaw trouxe para O morro dos ventos uivantes aquele menino encontrado nas ruas de Liverpool, e conservaram esse sentimento até a idade adulta dos dois. O sr. Earnshaw tinha um afeto e favoritismo por Heatcliff, então ele manda seu filho Hindley para um escola, o qual volta três anos depois em decorrência da morte de seu pai, assumindo assim seu novo lugar como proprietário da fazenda.

Como na infância Hindley se sentiu rejeitado pelo pai, pois tinha ele uma preferencia por Heathcliff, agora em sua adolescência ocorre um movimento de vingança inverso. Como o novo patrão de O morro dos ventos uivantes, Hindley reduz o irmão adotivo em um simples empregado da casa, passando então a maltratá-lo e humilhá-lo. Já na vida adulta dos dois, mais uma vez o movimento de vingança se inverte, quando Heathcliff após ficar três anos desaparecido da fazenda, retorna rico e culto para O morro dos ventos uivantes. Os dois levavam uma vida infernal desde criança, conforme podemos constatar em várias falas da narrativa dos meninos.

- É preciso trocar teu cavalo com o meu. Não gosto do meu. Se não quiseres, contarei a teu pai que me bateste três vezes esta semana e lhe mostrarei meu braço, que está arroxeadado até o ombro.

Hindley deitou-lhe a língua e deu-lhe um croque.

- Seria melhor que fizesses isso logo – insistiu Heathcliff, escapando-se para o pórtico, achavam-se na estrebaria -, porque terás mesmo de fazer. E, se eu falar dessas pancadas, tu terás outras com juros.

- Dá o fora cachorro! – gritou Hindley, ameaçando-o com um peso de ferro, que servia para pesar feno e batatas.

- Atira – replicou o outro, sem se arredar -, e então contarei que tu te vangloriaste de que me expulsarias logo que teu pai morrer, e veremos se não és tu que serás posto para fora imediatamente. (BRONTË, 1980, p.40)

Podemos perceber na fala de Heathcliff que não existia nenhum sentimento bom ou de afeto para com Hindley, aproveitava para o aterrorizar, pois tinha a preferência do pai do menino. A fala de Heathcliff é aterrorizante e cruel apesar da pouca idade que tinha.

Ao lermos a obra *O morro dos ventos uivantes*, podemos dizer que Hindley e Heathcliff assistiram suas mortes ainda em vida. Hindley diante do falecimento da esposa passa a ser o carrasco de si mesmo, do próprio filho Hareton e de todos que resolvessem cruzar seu caminho.

Torna-se um alcóolico, passa contrair dívidas com bebidas e jogos, é abandonado pelos empregados, restando apenas Nelly Dean e Joseph e perde a propriedade *O morro dos ventos uivantes* para Heathcliff. Vejamos um momento único de sofrimento de Hindley, diante da morte da esposa. “Nunca chorava ou rezava. Blasfemava e desafiava. Execrava Deus e os homens e se abandonava a uma dissipação desenfreada. Os criados não puderam suportar por mais tempo sua tirania e seu mau procedimento. José e eu fomos os únicos que quisemos ficar.” (Brontë, 1980, P.64-65)

Iwami (2016) nos fala um pouco dessa relação violenta entre Hindley e Heathcliff.

O relacionamento violento que Hindley e Heathcliff mantinham, entre si, nos traz uma reflexão sobre os arquétipos. No conceito de Carl Jung (1919) arquétipo se refere aquelas imagens primitivas armazenadas no inconsciente coletivo desde os tempos mais remotos; são vivências que se repetem ao longo da trajetória humana, funcionando como mecanismo para o amadurecimento da mente. É deste modo que, um olhar mais atento aos irmãos de criação da obra de Brontë, nos remete ao mito de Caim e Abel. No que diz respeito à rejeição, temos um filho legítimo ignorado – Hindley – pelo pai, que visivelmente prefere o filho de criação – Heathcliff. E assim como Caim, Hindley assume uma postura vingativa e má. Todavia, seus esforços em prejudicar o preferido são infrutíferos, pois o Sr. Earnshaw se revolta contra todos que contrariavam Heathcliff: “Parecia que tinha posto na cabeça a ideia de que todos odiavam Heathcliff só porque ele lhe era muito caro, e cuidavam de fazer-lhe mal” (BRONTË, 2003, p.67). Esse jogo onde Heathcliff é opressor e Hindley é vítima se inverte após a morte do patriarca dos Earnshaws. A convivência entre os antes meios-irmãos torna-se uma relação de poder entre servo e senhor. Heathcliff é submetido a trabalhos escravos e proibido de receber qualquer tipo de instrução: “O jovem patrão tirou-o da companhia da família para pô-lo entre os criados, privando-o das aulas com o pastor, e insistiu que, em vez disso, ele trabalhasse no campo, obrigando-o às duras tarefas de um empregado qualquer da granja.” (BRONTË, 2003, p. 72) (IWAMI 2016, P. 59)

Contudo, Heathcliff torna-se rico, não se soube de onde veio sua fortuna, durante o período em que esteve longe de O morro dos ventos uivantes, tornando-se dono da propriedade, assegurando assim a degradação física e moral de Hindley até o dia de sua morte. Na leitura da obra, acabamos por levantar suspeita em relação à morte de Hindley, pois não fica muito claro na narrativa, pois, ao autorizar Nelly a verificar os preparativos do funeral, Heathcliff faz o seguinte comentário: “- Para ser justo – observou ele -, o corpo desse maluco deveria ser enterrado na encruzilhada das estradas, sem cerimônia de espécie alguma.” (Brontë 1980, P. 175). Nessa passagem podemos analisar a fala de Heathcliff como se Hindley cometesse suicídio. Outra suspeita é na fala de José na dúvida de como fora a morte do seu patrão. “- Eu teria gostado mais que ele mesmo tivesse ido chamar o médico. eu teria cuidado melhor do patrão que ele... e o patrão ainda não estava morto quando eu saí, absolutamente.” (Brontë, 1980, P.45) A autora Emily Brontë nos mostra bem essa repulsa que nutrem um pelo outro desde criança, criando esse mistério que ronda a morte de uma delas.

O Morro dos Ventos Uivantes é uma obra atual, que se destaca tanto no trato dado pela autora na questão do sobrenatural, fantasmas, criaturas e a crueldade dos personagens, sendo capaz de produzir nos leitores a sensação de terror/horror, assim como a forma que Emily expõe os personagens principais, Catherine e Heathcliff, concedendo-os uma personalidade confusa e rebelde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente trabalho de conclusão de curso envolveu um estudo da literatura gótica e suas principais características, bem como a era vitoriana e as Brontë, especificamente Emily Brontë e por fim analisamos o aspecto gótico e sua presença representada a partir dos personagens do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*.

O aspecto do casal de protagonista também merece ser destacado, pois é por meio das falas por diversas vezes sempre agressivas e cruéis desses personagens que a voz da autora tange no decorrer do romance, pois sabemos que Emily Brontë exprimia descontentamento a respeito dos códigos morais e sociais da era vitoriana com sua vontade de ser livre, não colocando em conta as consequências que poderiam ser dramáticas ou trágicas.

O romance trata também de questões sociais polêmicas profundas e oportunas em sua época, assim como a condição baixa da mulher na sociedade, a desproporção social entre pobres e ricos representado na obra pela figura misteriosa e assustosa de Heathcliff e a exibição de seguimentos de terror e horror.

Outro aspecto relevante que devemos destacar na obra é a descrição dos cenários em *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Thurscross Grange*, *O Morro dos Ventos Uivantes* assim como a charneca e o morro que os personagens costumavam frequentar, foram descrições que remetem ao medo, horror e pavor, o romance se destaca pela forma narrativa que harmoniza com elementos reais e sobrenaturais de maneira igualável e plausível.

Em *O Morro dos ventos Uivantes* de Emily Brontë, podemos verificar como uma jovem escritora, limitada a uma cidadezinha do interior Yorkshire, pode escrever questões que até hoje não são capazes de ser completamente compreensíveis. E nos fez pensar os temas sociais sofridos pelos personagens, e as características góticas presente na obra, como a degradação moral, aprisionamento, melancolia, crueldade, insatisfação e morte. Catherine agiu com a razão e isso fez com que desencadeasse toda a tragédia presente na trama.

BIBLIOGRAFIA

ALEGRETTE, Alessandro Yuri. *As metamorfoses da escrita gótica em Wuthering Heights (O Morro dos Ventos Uivantes)*. Tese de doutorado. Araraquara: UNESP, 2016.

BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. 2. ed. São Paulo: ed. Ática, 1999.

COSTA, Ruth Moura. *Heathcliff e Catherine góticos: O Morro dos Ventos Uivantes no romance e na canção*. Trabalho de conclusão de curso. Guarabira: UEPB, 2013.

IWAMI, Sylvia Beatriz Ramos. *Crueldade e melancolia em O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë*. Dissertação (mestrado em Letras). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016.

MENDES, Oscar. *Estética Literária Inglesa*. Vol.10. São Paulo: ed. Itatiaia, 1983.

MOURA, Carolina Navarrina. *A tradição e o gótico em O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë*. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS, instituto de Letras, 2015.

SÁBER, Rogério Lobo. *Justa vingança: Uma leitura aproximativa dos romances “crônica da casa assassinada” e “O Morro dos Ventos Uivantes”*. Campinas: UNICAMP, 2014.

SILVA, Viviane Aparecida Ramos. *A natureza humana presente na obra O Morro dos Ventos Uivantes*. Trabalho de conclusão de curso. Pará de Minas: Faculdade de Pará de Minas, 2013.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *A formação do romance inglês: Ensaios teóricos*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, FAPESP, 2007.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada: Wuthering Heights-Emily Brontë*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. P. 101-122.